

Josivana de Castro Rodrigues

*Entre banzeiros e remansos:*

MEMÓRIAS DA PROFESSORA IONETE DA SILVEIRA GAMA







UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS

JOSIVANA DE CASTRO RODRIGUES

**ENTRE BANZEIROS E REMANSOS:  
MEMÓRIAS DA PROFESSORA IONETE DA SILVEIRA GAMA**

Belém  
2023

Revisão  
Roseany Caxias Lima  
Margarida Maria Knobbe

Ilustrações  
Larissa Gabrielle Mendes Cavalcante

Fotografias  
Acervo Josivana de Castro Rodrigues

Capa e design editorial  
Waldelino Duarte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R696e Rodrigues, Josivana de Castro.

Entre banheiros e remansos: memórias da professora Ionete da Silveira Gama / Josivana de Castro Rodrigues. — 2023.

137 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, 2023.

1. Memórias de professoras. 2. História de vida. 3. Cultura amazônica. 4. Aspectos ambientais. 5. Composições musicais . I. Título.

CDD 370

---

JOSIVANA DE CASTRO RODRIGUES

**ENTRE BANZEIROS E REMANSOS:  
MEMÓRIAS DA PROFESSORA IONETE DA SILVEIRA GAMA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará como exigência à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas.

Área de concentração: Educação em Ciências.

Linha de pesquisa: Docência e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva.

Belém  
2023

JOSIVANA DE CASTRO RODRIGUES

**ENTRE BANZEIROS E REMANSOS:  
MEMÓRIAS DA PROFESSORA IONETE DA SILVEIRA GAMA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará como exigência à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas.

Área de concentração: Educação em Ciências.

Linha de pesquisa: Docência e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva.

Data de avaliação: 13/04/2023

**Banca Avaliadora**

Prof. Dr. CARLOS ALDEMIR FARIAS DA SILVA – Orientador  
Universidade Federal do Pará

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARIA DO SOCORRO DE SOUSA – Membro externo  
Universidade Estadual do Ceará

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARGARIDA MARIA KNOBBE – Membro externo  
Estácio – Natal

Prof. Dr. IRAN ABREU MENDES – Membro interno  
Universidade Federal do Pará

# Agradecimentos

Agradecer a caminhada acadêmica e pessoal não é tarefa fácil, visto que sou uma construção e reconstrução moldada por várias mãos e histórias. Este trabalho, além de acadêmico, é uma realização pessoal por homenagear aquela que me embalou com suas histórias – minha avó Nete.

Gratidão a Deus e aos meus guias espirituais, pela constante presença na minha vida, proporcionando-me a oportunidade de concretizar esta importante etapa tão almejada, o Mestrado.

Ao meu orientador, professor Dr. Carlos Aldemir Farias, por me fazer acreditar que o sonho de concretização do Mestrado seria possível; pela competência nas indicações dos caminhos a serem percorridos na pesquisa, principalmente por me apresentar possibilidades de reavivar as memórias de minha avó e dialogar com os saberes tradicionais amazônicos. Obrigada pela dedicação integral para que o texto fosse aperfeiçoado e ganhasse este formato final.

Ao professor Dr. Iran Abreu Mendes que, em meio ao caos, me fez acreditar que seria possível concluir mais esta etapa acadêmica.

À professora Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro de Sousa, pelas contribuições pertinentes durante o exame de qualificação.

À professora Dr<sup>a</sup>. Margarida Maria Knobbe, por aceitar o convite para participar da banca de defesa.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM), pelo compartilhamento de ideias, experiências e trocas de conhecimentos. Embora a pandemia tenha nos afastado fisicamente, cada palavra e cada gesto, por meio das telas iluminadas dos computadores, foram válidos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da UFPA, pelas valiosas contribuições no meu processo formativo.

À professora Larissa Gabrielle Mendes Cavalcante que, a pedido do professor Carlos, meu orientador, ilustrou as histórias que integram este trabalho.

Aos meus avós, pela criação vinda dos rios e do terreiro, por fertilizarem meu imaginário, em especial minha avó Nete.

Aos meus pais, José Maria e Silvana Rose; aos meus irmãos Jhilvano e Jhovano Rodrigues; aos meus sobrinhos João Lucas, Malu e Marina, pelos laços que nos unem e nos fazem mais fortes.

Ao meu namorado, Jairo Júnior Monteiro, pelo apoio psicológico. Grandes foram as dores físicas e mentais que perturbaram meu corpo durante as ansiedades da escrita em plena pandemia de covid-19.

Ao amigo Antônio Maria, que sempre se alegrou com minhas conquistas e fez parte delas.

A todos os que fortaleceram meu caminho nesta estrada, meu muito obrigada.

# Resumo

A memória é a capacidade humana de guardar alguma coisa significativa que aconteceu no passado. Ela possibilita, por meio da evocação de eventos, refazer caminhos importantes da trajetória humana coletiva e individual. O objetivo deste trabalho é recordar fragmentos de memórias da professora Ionete da Silveira Gama para entender como suas experiências de vida respingaram em suas composições musicais, que atravessaram diferentes conteúdos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quando trabalhou como professora de crianças nas cidades ribeirinhas do interior do Pará nas décadas de 1970-1990. Suas memórias docentes nos fazem compreender, em especial, a importância de utilizarmos metodologias de trabalhos nas quais está inserida a vivência sociocultural dos estudantes, para ensinar conteúdos de diferentes disciplinas, a partir de uma perspectiva inter-transdisciplinar. Interrogamos: de que forma as composições musicais da professora Ionete Gama mesclam elementos da cultura amazônica com as ciências da natureza numa perspectiva inter-transdisciplinar e como podem ser conectadas aos temas abordados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Para alcançarmos o objetivo, registramos em áudio fragmentos de sua história de vida, a partir de entrevistas dialogadas, como forma de compreender suas incursões, com ênfase na memória que abarca parte de sua infância vivida às margens dos rios amazônicos e seus anos dedicados à docência, sobretudo em escolas ribeirinhas. As entrevistas transcritas se transformaram numa narrativa (auto)biográfica mesclada com imagens e documentos da professora que completam a narrativa. Neste trabalho, privilegiamos seis composições musicais, que se referem a aspectos ambientais integrados à cultura amazônica, e, a partir delas, elaboramos histórias ilustradas para crianças. São criações livres, dirigidas aos anos escolares iniciais.

**Palavras-chave:** Memórias de professoras; história de vida; cultura amazônica; composições musicais; aspectos ambientais.

# Abstract

Memory is humans' ability to preserve meaningful things that happened in the past. By making us remember events, it allows us to tread again important pathways of collective and individual human trajectories. In this dissertation, our objective is to recollect fragments of the memories of a teacher, Ionete da Silveira Gama, in order to understand how her life experiences influenced her music, and how did it relate to primary school contents she taught in riverside cities in the countryside of the state of Pará. Her memories as a teacher make us understand how important it is to use work methodologies which include the sociocultural experiences of students to teach contents from different school subjects, from an interdisciplinary standpoint. We ask ourselves how does Ionete Gama's music blend Amazonian cultural elements with the natural sciences in an interdisciplinary perspective, and how can it be connected to the themes taught in Primary School? To reach this goal, we recorded fragments of her life's story through interviews, so as to understand her trajectory, emphasizing the reminiscences of her childhood by the Amazonian riverside and of the years she dedicated to teaching river dwellers. These interviews were written down and became an (auto)biographical narrative that is complimented by her images and documents. In this dissertation, we give pride of place to six songs that refer to environmental aspects that are integral to the Amazonian culture and, based on them, we elaborated illustrated stories for children. The stories are aimed at the primary school level of education.

**Keywords:** teachers' memories; life story; Amazonian culture; songs; environmental aspects.

# Lista de Imagens

<b>Imagem 1</b> – Com meu avô José Maria da Costa Rodrigues	18
<b>Imagem 2</b> – Minha avó Ionete	19
<b>Imagens 3 e 4</b> – Oficina 1	21
<b>Imagem 5</b> – Oficina 2	22
<b>Imagem 6</b> – Influências culturais sobre a história da região	22
<b>Imagem 7</b> – Influências culturais no teatro	23
<b>Imagem 8</b> – Influências culturais na música	23
<b>Imagem 9</b> – Influências culturais na dança	24
<b>Imagem 10</b> – Grupo de carimbó “Chamego Mirijoara” 1	25
<b>Imagem 11</b> – Grupo de carimbó “Chamego Mirijoara” 2	25
<b>Imagem 12</b> – Grupo de carimbó “Chamego Mirijoara” 3	26
<b>Imagem 13</b> – Capa do Livro	27
<b>Imagem 14</b> – Trabalho de alunos sobre a cultura paraense 1	27
<b>Imagem 15</b> – Trabalho de alunos sobre a cultura paraense 2	28
<b>Imagem 16</b> – Trabalho de alunos sobre a cultura paraense 3	28
<b>Imagem 17</b> – Professoras e alunos em trabalho sobre a cultura paraense	29
<b>Imagem 18</b> – Mapa da localização de Marajó, destacando Cachoeira do Arari	39
<b>Imagem 19</b> – Carteira de estudante	49
<b>Imagem 20</b> – Certificados de cursos	50
<b>Imagem 21</b> – Ionete criança	62
<b>Imagem 22</b> – Professora Ionete com colegas de profissão e alunos	63
<b>Imagem 23</b> – Professora Ionete	64
<b>Imagem 24</b> – Professora Ionete e alunos da 3a. série do grupo escolar Manoel Antonio de Castro, em Igarapé-Miri, 1975.	65
<b>Imagem 25a</b> – Cartas de ex-alunos	66
<b>Imagem 25b</b> – Cartas de ex-alunos	67
<b>Imagem 26</b> – Professora Ionete com Iran Abreu Mendes e Carlos Aldemir Farias	68



# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>15</b>
Casa ribeirinha	31
<b>Travessias</b>	<b>37</b>
Belém-Baía do Guajará	40
Cachoeira do Arari-rio Arari	44
Igarapé-Miri-rio das Flores, o rio dos meus encantos	45
<b>Pontes</b>	<b>69</b>
A lenda do açaí	72
Contam que...	72
Superstições	73
Simpatias	73
A palmeira do açaí na habitação	73
Na alimentação	73
Perigos encontrados na palmeira do açaí	74
Na medicina	74
No artesanato	74
Repelentes e adubos	74
Crendices	74
Você sabia que...	75
Instrumentos utilizados para apanhar açaí	75
<b>Mergulhos</b>	<b>79</b>
Meus amigos botos	82
A Festa no Ver-o-Peso	88
Dona Japiim e Dona Iraúna	94
Seu Tralhoto e dona Pescada	99
O camarão aventureiro	101
O mutirão da bicharada	103
Reclamações da Natureza	108
<b>Considerações Finais</b>	<b>119</b>

<b>Referências</b> .....	<b>127</b>
<b>Fontes Orais</b> .....	<b>129</b>
<b>Apêndices</b> .....	<b>130</b>
Apêndice 1 .....	130
Glossário .....	130
Apêndice 2 .....	134
Apêndice 3 .....	136

# Introdução

*Meu caminho é de canoa, meu vale é do açai,  
sou filha de terra boa, sou de Igarapé-Miri.*

Ionete Gama



*“E foi assim, minha filha... ela te colocou na bacia, te deu banho e ia te benzendo e jogando a água do banho na tua cabeça e no teu corpo, fazendo um ritual e depois disse para tua mãe: – Toma minha neta, a tua filha. Ela, com as mãos já fracas e trêmulas da velhice, te entregou para tua mãe, que te vestiu com um vestidinho branco bordado que já tinha sido defumado com alecrim. Josi, tu foste a última bisneta que ela pegou para dar o banho, pouco tempo depois ela faleceu. Era o banho serenado com a força da natureza, que protegia de todo mau-olhado, era preparado dentro de uma bacia de alumínio nova... Ela colocava ervas de cheiro do quintal da casa, um pouco de anil e água, deixava no sereno de um dia para o outro; se fosse noite de lua cheia, melhor ainda, pois recebia a força dos astros”.*

O relato que abre este trabalho foi contado pela minha avó, Ionete da Silveira Gama, e descreve o dia em que minha bisavó, Merandolina Franco de Castro, conhecida no município de Igarapé-Miri como tia Merá, curandeira<sup>1</sup> e parteira<sup>2</sup>, me deu o banho serenado, com o propósito de proteger-me de todo mau-olhado. Era um costume que ela cultivava com as crianças recém-nascidas da família; um ritual de entrega para a natureza, pedindo a proteção dos astros e de todas as forças da mata.

Muitos conhecimentos ligados à natureza cultivados por minha avó Ionete foram aprendidos com minha bisavó Merandolina; logo, a prática de contar histórias e passar conhecimento por meio de narrativas sempre se fez presente em minha vivência familiar. Neste texto dissertativo, apresento minha avó, a partir das nossas vivências familiares, evidenciando a nossa relação de avó e neta, e como essa relação contribuiu para a minha formação docente.

Recorro à narrativa inicial deste trabalho para me apresentar como uma professora que iniciou sua formação identitária a partir das vivências com os avós. Sou cabocla miriense, nascida em Igarapé-Miri, município localizado na margem direita do rio homônimo, na zona fisiográfica Guajarina, região de integração do Baixo-Tocantins, cerca de 78 quilômetros da capital do estado do Pará. Sou neta de José Maria da Costa Rodrigues, Terezinha Rodrigues, Ionete da Silveira Gama e Raimundo Nonato de Castro.

Minha infância foi cercada pelos meus avós, que movimentaram a cultura do nosso município, pois foram fundadores de quadrilhas e pássaros juninos; escola de samba; festividades religiosas e grupos de danças. O amor que sentiam por nossa cultura faz deles merecedores de reconhecimento no município já citado.

Dentre meus avós (Imagens 1 e 2), destaco Ionete da Silveira Gama, por ser professora; assessora de cultura; compositora; cantora; historiadora; pesquisadora da cultura amazônica;

<sup>1</sup> Mulheres dotadas de dons espirituais que curam dores do corpo e da alma por meio das rezas e dos remédios da mata.

<sup>2</sup> Mulheres que auxiliam as parturientes no momento do parto.

lutadora das causas sociais; criadora de grupos de carimbó, e dotada de espírito criativo alimentado pela curiosidade que a acompanhava desde criança. Após um longo caminho traçado na cidade de Igarapé-Miri, como professora do Ensino Fundamental, embora não seja filha do município, voltou a morar em Belém do Pará.

Por admirá-la, não demorou muito para que eu me despedisse da minha terra natal, Igarapé-Miri, em direção à capital Belém do Pará, com o objetivo de continuar meus estudos e garantir uma vaga no processo seletivo do Ensino Superior. Dessa maneira, passamos a residir sob o mesmo teto.

**Imagem 1** – Com meu avô José Maria da Costa Rodrigues



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 2** – Minha avó Ionete



**Fonte:** Acervo pessoal.

A partir do ano de 1999, passamos a morar juntas e, com uma maior proximidade, nossas conversas se tornaram constantes. Qualquer hora era boa para colocar em prática sua bela retórica. Vovó sempre narrava as suas peripécias de infância; histórias da nossa família, dos seus alunos; suas práticas pedagógicas, e as angústias que sofria em relação à educação, no tempo em que lecionava para crianças dos anos iniciais. Narrava sobre as suas viagens; histórias; lendas e todo um costume interiorano que observava ao seu redor desde criança e, posteriormente, em suas pesquisas pelo interior de Igarapé-Miri, quando exercia o magistério.

Como se não bastassem as suas narrativas para fertilizar minha imaginação, encontrei, no ano 2000, três malas empoeiradas jogadas em cima de um guarda-roupa encostado na parede dos fundos do seu quarto. Pensei que se tratava de algo sem importância. Para minha surpresa, a mala guardava documentos que registravam diversos momentos vividos pela vó Nete, principalmente de sua carreira como professora.

Sempre que possível – fiz isso diversas vezes –, abria a mala e, por horas, ficava lendo seus escritos, registros feitos à mão em velhas folhas de papel amareladas pelo tempo; composições que falavam das suas vivências, suas pesquisas sobre as tradições amazônicas, mitos, lendas e amor. Havia também fotografias; certificados de cursos; receitas de comidas típicas – algumas de autoria própria –; cartas de alunos narrando o carinho que sentiam por ela; panfletos dos festivais culturais que realizou. Encontrei ainda algumas de suas pesquisas datilografadas sobre o município de Igarapé-Miri que me chamaram a atenção, pois ali havia

fatos sobre o lugar onde nasci, dos quais nunca escutara falar durante o meu ensino escolar; são as histórias que os livros didáticos não contam.

Em 2005 ingressei no curso de Licenciatura plena em Pedagogia, na Universidade do Estado do Pará (UEPA). A partir daquele momento, novos aprendizados foram adquiridos e o pensamento de que eu deveria produzir trabalhos acadêmicos relacionados à história de vida da minha avó, professora Ionete, aumentaram. Senti-me motivada a elaborar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a sua memória. Iniciei a elaboração do pré-projeto de pesquisa, mas não houve interesse do grupo de estudos do qual eu participava na UEPA. Os demais colegas da graduação aceitaram a proposta de elaborar o TCC com a história de vida na terceira idade, pois consideravam viável dar continuidade ao projeto que se encontrava em andamento com um grupo de idosos e que já fazia parte do componente curricular estágio obrigatório.

Com a intenção de dar continuidade à pesquisa com os idosos, foi desenvolvida uma oficina intitulada “Da forma nasce a forma: a arte na educação com a melhor idade”, direcionada para idosos. O objetivo foi compreender o ato de criação artística e estética, utilizando as técnicas de modelagem em argila e suas possibilidades expressivas para a imaginação criadora, memória e a construção sociocultural. A oficina foi desenvolvida no Centro de Referência de Assistência Social Daniel Reis (CRAS), situado no bairro do Maguari, município de Ananindeua, e constituiu uma das etapas do desenvolvimento do TCC, fruto do resultado do Estágio Supervisionado em Instituições não Escolares e Ambiente Populares, realizado durante o curso de Pedagogia.

A informação fornecida pelo psicólogo, de que a maioria das idosas que procurava as atividades desenvolvidas no CRAS apresentava-se fragilizada emocionalmente, nos levou a realizar uma oficina para trabalhar a modelagem em argila, considerando que poderia contribuir para melhorar a convivência das senhoras com seus familiares e com a sociedade em geral. Na realização da oficina, a nossa base de intervenção foi a criação de um vínculo de amizade, procurando conciliar algumas perguntas comuns com outras de interesse para a nossa pesquisa. Utilizamos a técnica de entrevistas individuais com perguntas abertas, o que possibilitou estabelecer momentos de escuta e estímulo à narração do vivido por cada uma das senhoras. Utilizamos, ainda, um questionário com perguntas direcionadas aos aspectos pessoais e específicos da pesquisa. Cada uma das senhoras teve a oportunidade de narrar fragmentos de sua história de vida.

Nessa oficina desenvolvida com os idosos, os conceitos de memória, imaginação e percepção foram trabalhados a partir de Ecléa Bosi (1994), Gaston Bachelard (2005) e Marilena Chauí (2003). Tais conceitos nos permitiram compreender a expressividade e o valor estético necessários para investigar sujeitos que se apropriam da linguagem artística para expressar e materializar suas ideias em esculturas feitas em argila; para identificar traços da imagem humana em seus trabalhos, e como suas sensações e sentimentos ajudam na produção artística. Sobre essas sensações e sentimentos, nós nos apoiamos nos trabalhos de artistas como Rodin, Camille Claudel e Pablo Picasso. O resultado dessa pesquisa culminou com uma exposição

das peças produzidas pelas senhoras do Centro Daniel Reis. No mesmo dia da exposição, fizemos a entrega de uma das obras, produzida por uma das participantes da oficina, à Secretária de Ação Social, Daniela Barbalho, e ao então prefeito do município de Ananindeua, Helder Barbalho (Imagens 3 e 4).

**Imagens 3 e 4 – Oficina 1**



**Fonte:** Acervo pessoal.

Devido ao sucesso da primeira oficina, surgiu o convite para desenvolver uma segunda, aberta ao público, intitulada “Criando forma com argila: a arte dos tapajós e marajoaras”, que foi desenvolvida durante o curso “A importância do Museu Goeldi nos diversos níveis de ensino”, com a temática “Povos Indígenas: ações políticas, conflitos e conquistas”. O evento ocorreu no referido Museu, conhecido como parque zoobotânico, com o objetivo de realizar um intercâmbio de informações científicas e educacionais com professores, comunidade e interessados no tema (Imagem 5).

Embora o projeto de pesquisa que objetivava contar as memórias de minha avó não tivesse sido desenvolvido no espaço acadêmico, as situações diárias vividas por mim continuavam trazendo à tona antigas lembranças verbalizadas nas conversas diárias. A mala de couro empoeirada, com todos os registros que ali cabiam, passou a funcionar como um gatilho para novos diálogos, e não me cabia somente a posição de ouvinte, mas também de neta curiosa.

Retornei à mala de lembranças de minha avó Ionete, com a intenção de organizar aqueles documentos e registros em gavetas, pois sabia que ali se encontravam fontes históricas não apenas da minha avó, mas da professora Ionete. A cada pedaço de papel que eu retirava da mala para organizar em gavetas, também buscava respostas sobre os contextos nos quais eles foram registrados ou produzidos. Embora alguns documentos se explicassem por si só, outros me levaram a deitar embaixo da sua rede para escutar as respostas sobre as minhas interrogações.

**Imagem 5 – Oficina 2**



**Fonte:** Acervo pessoal.

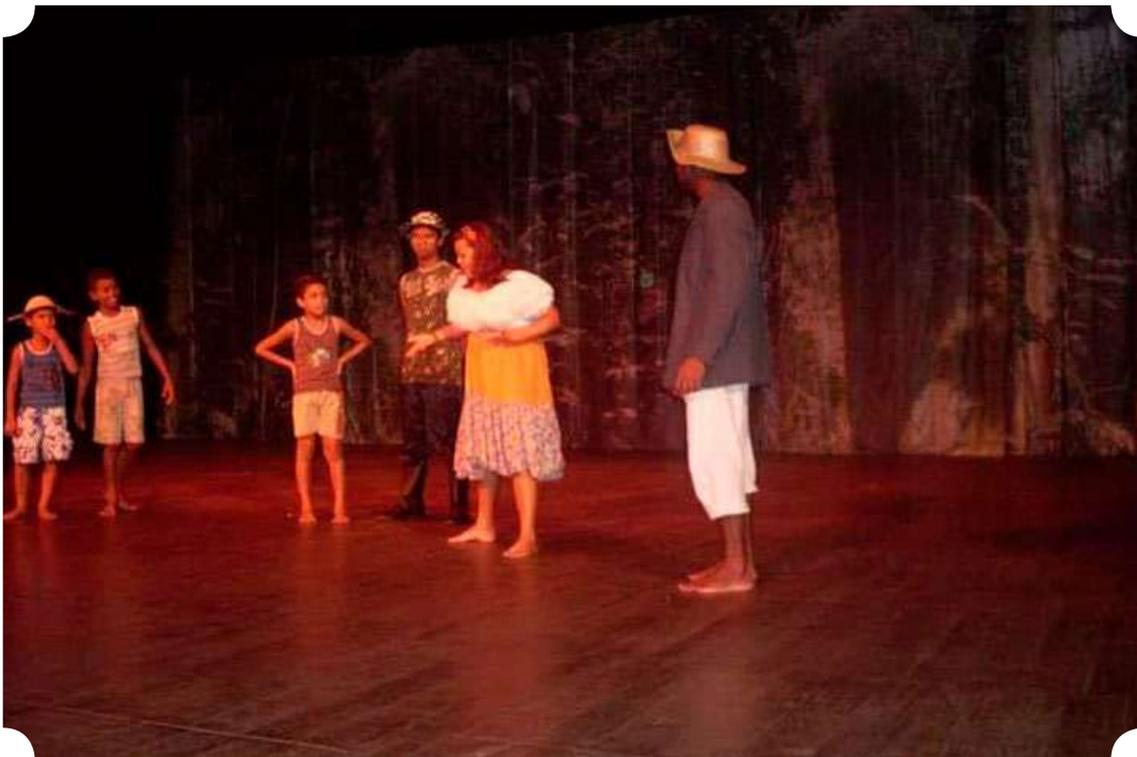
Minha avó, dotada de uma inteligência desenvolvida por sua vivência como professora e artista, não só respondia às minhas inquietações, mas também me influenciava a participar de algumas manifestações artísticas e educacionais, na intenção de me fazer entender que o processo educativo se dá de diferentes formas e maneiras (Imagens 6, 7, 8 e 9).

**Imagem 6 – Influências culturais sobre a história da região**



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 7** – Influências culturais no teatro



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 8** – Influências culturais na música



**Fonte:** Acervo pessoal.



Fonte: Acervo pessoal.

Tempos mais tarde, alguns velhos amigos, sabedores da sua trajetória de luta nos movimentos sociais, a reencontraram e divulgaram a importância da professora Ionete na luta pela educação dos municípios do baixo Tocantins e sobre seu talento artístico e musical. Logo, foram surgindo convites para voltar a cantar. Minha avó foi aceitando e retomando sua carreira como artista musical.

Porém, é importante pontuar que, mesmo que a professora Ionete seja conhecida na mídia com o nome artístico de Dona Onete, ressalto que ela sempre cantou e compôs suas letras musicais de carimbó; banguê; boi-bumbá; bregas e boleros. Homenagens às entidades da Umbanda e da Pajelança também se fazem presente no seu repertório musical desde muito tempo.

E foi assim que criamos o grupo de carimbó “Chamego Mirijoara”, em Belém, por volta de 2011. Fiquei responsável pela produção executiva e também participava do corpo musical, fazendo o vocal de apoio e tocando maraca. O grupo percorreu diversos municípios dentro e fora do estado do Pará, pouco antes de a professora assumir a persona Dona Onete, a rainha do carimbó chamegado (Imagens 10, 11 e 12).

**Imagem 10** – Grupo de carimbó “Chamego Mirijoara” 1



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 11** – Grupo de carimbó “Chamego Mirijoara” 2



**Fonte:** Acervo pessoal

**Imagem 12** – Grupo de carimbó “Chamego Mirijoara” 3



**Fonte:** Acervo pessoal.

Em 2011, após um show no teatro do Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (CENTUR), em Belém do Pará, o professor e pesquisador Antônio Maria de Souza Santos se mostrou interessado na compra dos CDs<sup>3</sup>, produzidos em pequena escala, com algumas faixas de carimbó para a divulgação do nosso trabalho. Com o tempo, Antônio se tornou amigo da família e, após várias conversas, surgiu a ideia de escrevermos o livro *A Menina Onete, travessias e travessuras* (2013), uma biografia concisa de Ionete da Silveira Gama, que retrata sua passagem por Belém, Cachoeira do Arari e Igarapé-Miri (Imagem 13).

Após a escrita do livro, realizada em parceria com Antônio Maria de Souza Santos, iniciei o magistério em uma escola particular de Ensino Fundamental I. Naquele momento, elaborei um projeto pedagógico para compartilhar as experiências da *menina Onete* com meus alunos dos anos iniciais, objetivando o contato deles com a cultura paraense, principalmente com as histórias lúdicas narradas na obra, como o encontro do boto com a personagem do livro.

Infelizmente, o projeto não se concretizou, pois não houve interesse da escola em levá-lo adiante, porque não adotava uma filosofia que não se enquadrava com a proposta apresentada no livro. A coordenadora pedagógica da época argumentava que o conteúdo do livro didático era mais importante. Embora “A menina Onete” não tenha sido incorporada às atividades da escola, ressalto que a primeira edição se esgotou e até hoje há procura em função da

<sup>3</sup> Sigla em inglês para *compact disc* (disco compacto), formato de gravação de áudio que substituiu os discos de vinil e se popularizou na década de 1990.

vivência infantil e da ludicidade presentes no texto. Mesmo com a negativa da escola, sempre que possível, eu procurava afirmar a importância da cultura paraense entre os meus alunos, em especial, nas aulas de Artes, a partir do ano de 2014 (Imagens 14, 15, 16 e 17).

**Imagem 13** – Capa do Livro



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 14** – Trabalho de alunos sobre a cultura paraense 1



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 15** – Trabalho de alunos sobre a cultura paraense 2



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 16** – Trabalho de alunos sobre a cultura paraense 3



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 17** – Professoras e alunos em trabalho sobre a cultura paraense



**Fonte:** Acervo pessoal.

Em 2019 surgiu a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre a história de vida da minha avó, em especial sobre os anos em que ela exerceu o magistério nas cidades do interior do Pará e se ocupou de ensinar a partir da realidade sociocultural, ou seja, tomava elementos da cultura local para ensinar diferentes conteúdos escolares. Quando falo de cultura local, falo especificamente dos artefatos materiais e imateriais que fazem sentido na vida dos sujeitos que vivem às margens dos rios amazônicos, pois o elemento água se faz presente em suas vidas desde a tenra idade.

Assim nasceu a ideia de elaborar o projeto de pesquisa que deu vida à presente dissertação de mestrado. Não pensei em outra possibilidade, a não ser o de narrar os diálogos que tivemos durante esses 22 anos de convivência e tornar públicas as experiências de minha avó como professora dos primeiros anos escolares nas cidades ribeirinhas do interior do estado do Pará.

Ainda sem uma direção clara sobre a delimitação do que seria recortado para a elaboração deste texto dissertativo, ela foi se esboçando durante as disciplinas cursadas no Mestrado e as constantes sessões de orientações e conversas com os professores Carlos Aldemir Farias e Iran Abreu Mendes, coordenadores do Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM), do qual faço parte no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da UFPA. Nesse grupo, fui conhecendo a importância do diálogo entre os saberes da tradição e os saberes científicos tratados por Maria da Conceição de Almeida (2017), ao argumentar sobre a vivacidade e a permanência dos *saberes da tradição* para produzir conhecimento, bem como por João de Jesus Paes Loureiro (2001), quando trata da cultura amazônica como *uma poética do imaginário*. São esses dois autores que embasam este trabalho de Mestrado.

Almeida (2017), no livro *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*, problematiza e desconstrói a ideia de que os saberes científicos se sobrepõem aos saberes da tradição, e argumenta que ambos os saberes precisam ser aproximados, pois se complementam. Ela constrói ainda a expressão conceitual *intelectuais da tradição*, pessoas que vivem afastadas dos bancos acadêmicos e que constroem modelos e estratégias de pensar os fenômenos físicos e sociais a partir do lugar onde vivem, ou seja, tomam como laboratório de pesquisa os elementos naturais e sociais que os cercam. Importante ressaltar que, para a autora, os *intelectuais da tradição* em muito se assemelham aos intelectuais acadêmicos, pois ambos produzem conhecimento a partir do lugar que ocupam.

No livro *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*, Loureiro (2001) apresenta o processo criativo do caboclo da Amazônia, com base na contemplação de uma cultura viva onde homem e natureza se completam, incorporando na sua vivência um imaginário diretamente ligado aos rios, florestas, lendas e mitos que moldam a formação da identidade do homem amazônico, em especial os ribeirinhos. Ele argumenta como seres invisíveis se tornam visíveis nessa cultura e interferem nas decisões do cotidiano e na incorporação de valores que passam de geração a geração. Esse é um jeito de viver e olhar o mundo enraizado no corpo e na alma daqueles que nasceram e cresceram no misterioso universo das águas e das florestas.

Sabendo que as práticas pedagógicas da professora Ionete e suas composições musicais são fruto de sua vasta vivência com os *saberes da tradição* da cultura amazônica, pois desde tenra idade viveu entre travessias e atraques nos trapiches das cidades do interior do Pará e na capital Belém, é possível construir pontes epistemológicas que buscam ligar as práticas pedagógicas da professora Ionete com suas vivências na cultura amazônica.

É importante ressaltar que a docente Ionete sempre esteve mergulhada nas águas turvas e nas experiências do universo amazônico, composto por rios, florestas, mitos, lendas e sabedorias indígenas ancestrais. Parte de suas aprendizagens sobre os chás de cura, unguentos, remédios naturais e saberes da cultura amazônica vem do convívio com sua avó Quitéria, que era parteira; com sua tia Durcinda, ribeirinha do rio das Flores; com seus tios de Cachoeira do Arari e com sua sogra Merandolina, curandeira e parteira.

Essas sabedorias e os conhecimentos científicos escolares foram conectados desde muito cedo pela professora Ionete. Dessa maneira, ingressar no ensino primário e, posteriormente, na sua formação de professora e pesquisadora de aspectos da cultura paraense, uma boa dose de curiosidade e criatividade lhe permitiu o desenvolvimento de uma atitude transdisciplinar, ou seja, um modo de pensar que não se restringe a uma área específica do conhecimento, mas é aberta ao diálogo, algo presente nos intelectuais da tradição, pois eles não se limitam a uma área específica, mas desenvolvem seus saberes, se utilizando de diferentes ferramentas abstratas e concretas no decorrer de sua existência.

Ao falar de transdisciplinaridade, nos baseamos em Nicolescu (1999), para quem uma atitude transdisciplinar diante do conhecimento reside na compreensão de que o fluxo das informações que circulam entre os diversos ramos do conhecimento forma um todo impossível de ser compreendido ou sequer delimitado pela estrutura disciplinar. Assim, uma abordagem

transdisciplinar não constitui a transferência de conhecimentos – ou de modelos de conhecimento – de um ramo de estudos para o outro, mas sim uma compreensão do mundo presente que perpassa e supera a fragmentação dos conhecimentos que resultou da hiperespecialização das disciplinas. Ainda sobre o pensamento transdisciplinar, Ubiratan D’Ambrosio argumenta que essa forma de pensar exige sempre:

Uma postura de respeito e humildade com relação a sistemas de explicações e conhecimentos, a mitos e religiões, pois rejeita a arrogância e a prepotência, uma vez que a transdisciplinaridade é, em sua essência, transcultural, ou seja, ultrapassa as culturas. (D’AMBROSIO, 2022, p. 8).

Nessa concepção, podemos afirmar que, por meio de suas letras musicais e suas práticas docentes, a professora Ionete sempre operou a partir de uma perspectiva transdisciplinar, pois tudo o que fazia, em especial suas práticas pedagógicas, apresentava uma mestiçagem de conhecimentos de um pensamento não disciplinar, ou seja, que não fragmenta o conhecimento em partes, mas opera de modo a entender que as partes estão ligadas e compõem o todo. Essa afirmação pode ser constatada nas letras de músicas de sua autoria e que nesse trabalho iremos apresentar linhas adiante, especialmente as composições que abordam temas relativos a elementos que tratam das ciências da natureza de modo geral. Aqui não temos a intenção de explicitar detalhadamente conteúdos escolares de ciências, mas revelar como conceitos e expressões dessa área de conhecimento atravessam suas composições musicais e estão diretamente ligadas à sua vivência como professora.

A seguir, a descrição de uma casa ribeirinha, prática pedagógica pesquisada e criada pela professora Ionete, com o objetivo de fazer o aluno observar que a vivência e a moradia na beira do rio diferem de outros tipos de ambientes.

### **Casa ribeirinha**

Constantemente, as casas ribeirinhas possuem um porto com um casco amarrado no marau e uma subida de acesso para a casa por uma escada feita com tronco da árvore do miriti. Os esteios e ripas das casas são de troncos de palmeira de açai, amarrados com cipó titica; os caibros são feitos de quariquara e cobertos com palha de buçu ou de miriti; os assoalhos são construídos com tábua de paxiúba; as paredes tecidas com braços de miriti; portas e janelas de braços de Jupati. Pendurados na parede, uma espingarda, usada para a piraqueira, com patrona para guardar munição; um remo para andar na canoa; uma rede tecida com linhas finas para lançar; matapi para pegar o camarão nos rios; oratório feito de braços de palmeira do miriti para venerar os seus santos de devoção; uma maqueira pendurada para descansar; lamparina e candeia de azeite de andiroba para a noite iluminar.

O fogão é à lenha e usa-se andorinha e pacapeuá, por ser madeira forte. Machado, para cortá-las; o paneiro no fumeiro para guardar alimentos; bule para ferver o café e para apará-lo; pucuru e coador de pano para coar. As panelas, tigelas e bacias eram de barro em um canto da casa. Para conservar a água para beber, temos o pote também de barro, prato esmaltado e colher de alumínio.

Há outros utensílios que se usa na casa ribeirinha, como a cuia pitinga; alguidar; peneira; tupé; pilão; pari, para a tapagem do igarapé. Balde feito de cuia para encher água do rio; gamela e sabão feito de cacau para lavar a roupa; varal para estender e secar; ferro a carvão para passar a roupa; tendal para secar o camarão e o peixe; canteiro com ervas medicinais, e o curatá, que servia para gapuiar.

Essas práticas culturais e pedagógicas transdisciplinares, que se desenvolveram ao longo do tempo, permitiram que Ionete enveredasse por caminhos que possibilitaram uma visão mais ampla de seus conhecimentos e existência. Logo, foi importante delinear alguns trabalhos já desenvolvidos sobre a professora em estudo. Como adverte Silva (2001), a revisão de literatura se constitui de fundamental importância em um trabalho acadêmico, porque fornece elementos que evitam a duplicação de pesquisas sobre o mesmo enfoque do tema.

No livro *Prismas sobre Educação e Cultura em Igarapé-Miri no século XX*, Cesariana Corrêa Lobato e Crisálida Pantoja Soares (2001) tratam sobre as manifestações culturais recorrentes ao longo dos anos e a expressão de personagens importantes presentes no contexto cultural do município. Citam personalidades que contribuíram para a formação dos estudantes de Igarapé-Miri. As autoras se referem a Ionete Gama como uma “artista espaçosa e criativa, historiadora que contribuiu para a educação e para a cultura do município, passando por salas de aulas e secretaria de cultura; Ionete irradia alegria e bom-humor contagiante” (LOBATO; SOARES, 2001, p. 250).

Em 2013, como já mencionei, Antônio Maria de Souza Santos e Josivana de Castro Rodrigues publicaram *A menina Onete: Travessias e Travessuras*. O livro aborda: as origens da professora na ilha de Marajó; sua vinda, ainda criança, para Belém do Pará; sua ida para o rio das Flores em Igarapé-Miri, lugar onde teve seu primeiro contato com os botos e suas vivências ribeirinhas; e seu retorno para Belém, onde, a partir dos anos de 1990, passa a desenvolver uma carreira artístico-musical, divulgando seu carimbó chamegado<sup>4</sup>.

A respeito da influência do novo estilo de carimbó criado pela compositora, Patrícia Depailler Ferreira Moraes (2014) investigou o carimbó chamegado de Dona Onete, a partir da análise de três composições musicais da cantora, à luz da etnomusicologia. Segundo o autor, “Dona Onete é um livro aberto e cheio de conhecimentos e traduz esses conhecimentos em suas canções, principalmente nas letras...”. Ele reconhece também que as histórias contidas nas músicas de Dona Onete estão relacionadas com o cotidiano amazônico. Nessa fala,

---

<sup>4</sup> Segundo Dona Onete, o carimbó chamegado difere de outras vertentes do carimbó pelo ritmo diferente que ele apresenta, mais lento, o que possibilita o casal dançar agarradinho e chamegado.

fica claro que suas letras evidenciam conhecimentos tradicionais, que podem ser relacionados com os científicos, o que constitui um dos objetivos do presente trabalho de pesquisa.

Devido ao reconhecimento midiático de sua carreira como cantora e compositora, outros registros são encontrados em revistas, jornais e vídeos disponíveis nas redes sociais com conteúdo sobre suas composições. Dentre tantos registros, não encontramos nenhum que faça menção à atitude transdisciplinar da professora Ionete nas suas práticas pedagógicas em sala de aula e em suas escritas musicais, ou que aborde a integração de saberes no ensino das ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental, fazendo com que esta pesquisa seja pioneira ao abordar o tema.

Considerando os fragmentos descritos anteriormente, junto com a minha experiência em sala de aula com crianças – em que pude observar o distanciamento das práticas integradoras entre os *saberes da tradição* aqui expressos pela cultura amazônica, os saberes científicos e minha proximidade com os autores descritos e minha vivência com a professora em estudo –, busco entender de que maneira algumas composições musicais da professora Ionete mesclam elementos das ciências da natureza de uma maneira transdisciplinar e como algumas letras de suas músicas apresentam temas que podem ser trabalhados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A **questão de pesquisa** centra-se em entender: de que forma as composições musicais da professora Ionete da Silveira Gama mesclam elementos da cultura amazônica com as ciências da natureza numa perspectiva inter-transdisciplinar e como podem ser conectadas aos temas abordados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

O **objetivo geral** é explicar as maneiras por meio das quais as composições musicais da professora Ionete Gama mesclam elementos da cultura amazônica com as ciências da natureza numa perspectiva inter-transdisciplinar e como podem ser conectadas aos temas abordados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os **objetivos específicos** são:

(1) Recordar fragmentos de memórias da professora Ionete, com ênfase nos aspectos de sua trajetória de vida, para entendermos como suas experiências e atitudes a tornaram uma professora com práticas e pensamentos transdisciplinares;

(2) Construir pontes que dialoguem com os conhecimentos que constituem a professora Ionete Gama;

(3) Elaborar histórias para crianças a partir das composições musicais da professora Ionete, de modo a conectar saberes ambientais integrados à cultura amazônica, em especial os saberes oriundos das suas aprendizagens repassados pelas gerações mais velhas e que atravessam as tradições culturais amazônicas paraenses.

O **método** utilizado nesta pesquisa privilegia uma abordagem qualitativa de pesquisa (OLIVEIRA, 2007), com ênfase na memória de Ionete da Silveira Gama, que abarca parte de sua infância e seus anos dedicados à docência, sua história de vida como professora nos

municípios do interior do estado do Pará, em especial da primeira a quinta séries do antigo Primeiro Grau (curso primário)<sup>5</sup>. Como técnicas de pesquisa, gravamos duas **entrevistas** com quatro horas de duração<sup>6</sup>. As entrevistas tiveram apoio nas reflexões de Jean-Claude Kaufmann (2013), no sentido de aprofundar a compreensão de temas e aspectos apresentados nos **diálogos** anteriormente ocorridos nesses vinte e dois anos de convivência permanente com a referida professora.

Essa convivência duradoura me permitiu ter acesso a diversos **documentos e fotografias** guardadas em uma mala, conforme mencionei anteriormente. Tais documentos foram digitalizados, revistos e sistematizados de modo a fornecer suporte para esta pesquisa, uma vez que apresentam informações como nomes de pessoas, lugares e datas que ajudam a refazer uma parte dos caminhos navegados pela professora Ionete. Também foram utilizadas **letras de músicas** da referida professora, tanto gravadas quanto as inéditas, que tratam de temas voltados para aspectos da preservação da natureza e da cultura amazônica, especialmente as culturas ribeirinhas. Essas composições nos ajudam a pensar como ela mesclou suas vivências nas comunidades amazônicas e como as aprendizagens de sua infância respingam nas suas composições musicais.

A primeira entrevista foi realizada em dois momentos durante os meses de abril e junho de 2020. O primeiro momento foi na residência da professora Ionete no Bairro da Pedreira, em Belém do Pará. Houve várias interrupções por assuntos externos e também senti que a entrevistada não estava disposta a responder alguns questionamentos, talvez porque algumas perguntas já tenham sido feitas tantas vezes que ela não julgou necessário responder, pois já foram respondidas no decorrer de nossas conversas cotidianas. Por essa razão, não insisti. De todo modo, a nossa convivência permanente já me assegurava algumas respostas para a composição deste texto. O segundo momento da entrevista aconteceu em junho de 2020, durante uma viagem em que tive que acompanhá-la para a ilha de Mosqueiro. Percebi que a entrevistada se sentia mais à vontade para dialogar, pois a interrupção de familiares ajudou a tornar a entrevista mais produtiva, uma vez que os parentes a fizeram lembrar de detalhes significativos de sua história de vida.

Aqui lembramos do conceito de memória social, de Maurice Halbwachs (2013), para quem a memória individual é influenciada pelo grupo social ao qual pertencemos. Nesse caso, os membros familiares, que estiveram perto e viveram parte da mesma história, completavam detalhes do vivido e do acontecido e faziam a professora reavivar sua memória. Com isso, se sentir mais fortalecida ao trazer de volta eventos do passado que foram significativos.

Outras leituras também se constituíram expressivas para organizar as memórias da professora Ionete. Elas vieram das inspirações dos livros organizados e escritos pelo meu orientador, professor Carlos Aldemir Farias (2008, 2010, 2013), sobre os temas das histórias de vida

---

<sup>5</sup> Atualmente, corresponde aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

<sup>6</sup> Todos os registros orais foram realizados em consonância com o Código de Ética no trabalho de pesquisa com seres humanos, em especial, na Educação. A professora Ionete da Silveira Gama assinou formalmente todos os documentos relativos à aquiescência para a realização desta pesquisa.

e da memória. Identifico que parte de minhas aprendizagens durante o processo de formação continuada no mestrado advém dessas leituras que me fizeram entender que a história de vida de uma pessoa é uma descrição de *flashes*, que permaneceram na memória e que se constituíram expressivos com o passar dos anos.

Tais *flashes*, quando verbalizados, comumente aparecem com repetições que nem sempre fazem sentido serem mantidos em um texto acadêmico. Assim, tomei a liberdade de eliminar as repetições e de deslocar fragmentos das falas da professora Ionete, para organizar uma narrativa de modo que o leitor possa compreender as partes significativas de sua história de vida, em especial, como professora e, de modo particular, como ela se utilizava de suas pesquisas sobre a cultura amazônica em comunidades ribeirinhas para escrever suas letras de músicas que eram utilizadas na sua prática pedagógica, de maneira a ensinar os conteúdos das disciplinas contextualizados com a realidade sociocultural dos alunos. A cultura amazônica sempre esteve presente como tema integrador, tanto de suas letras musicais, quanto nos conteúdos das disciplinas ensinadas na sala de aula.

A leitura dos livros *Viajante das águas, imaginário amazônico* (MENDES, 2008), *Narrativas de um tempo, escrituras da alma* (XAVIER, 2010) e, *Reviver: memórias de Maria do Rosário Farias* (FARIAS, 2013) me abriu outras perspectivas de tratamento e organização das informações advindas dos diálogos informais ao longo de mais de duas décadas de convivência intensa, embaixo do mesmo teto com a professora Ionete. Nesses livros referidos, e que são essencialmente frutos de longos diálogos, as entrevistas aparecem com tematizações criadas pelo professor Carlos Aldemir Farias, em conjunto com imagens que dialogam numa narrativa que mescla *palavras e imagens*.

A segunda entrevista com a professora Ionete foi realizada juntamente com o meu orientador, professor Carlos Aldemir Farias, em sua residência no Bairro de Batista Campos, em Belém do Pará, numa tarde de novembro de 2020<sup>7</sup>. Participou também o professor Iran Abreu Mendes, amigo da professora Ionete há quase quarenta anos. Ambos se conheceram no interior do Pará na década de 1980, quando o professor Iran trabalhava no Sistema de Organização Modular de Ensino da Seduc (Secretaria de Educação do Estado do Pará).

As perguntas da segunda entrevista foram direcionadas para o perfil profissional da professora e as respostas se constituíram mais precisas, abrangendo temas não abordados por mim na primeira entrevista, que focara em aspectos pessoais de sua infância e vivência nos primeiros anos de vida<sup>8</sup>. Essa segunda entrevista rendeu um material significativo. A mudança de ambiente, diferente do seu convívio familiar, e a presença de dois professores que não fazem parte de seu cotidiano, reavivaram sua memória para lembrar outros acontecimentos, sobretudo dos anos em que exerceu a docência no interior do Pará.

---

<sup>7</sup> No período de execução desta pesquisa – entre os anos de 2020 e 2021 –, o Brasil e o mundo viveram a pandemia de covid-19, doença que provocou o isolamento social para evitar o contágio e as mortes. Assim, destaco que a sua continuidade só foi possível devido à convivência com a professora Ionete, minha avó. Na entrevista realizada na residência do meu orientador, tomamos todos os cuidados sanitários necessários, pois de minha parte houve momentos de desânimo que foram sanados pela persistência e positividade impressa pelo meu orientador no decorrer do processo.

<sup>8</sup> O roteiro da segunda entrevista encontra-se nos Apêndices.

A metáfora entre banzeiros e remansos, que dá título a esta dissertação, exprime o fato de que a professora Ionete da Silveira Gama, em suas travessias pelas águas dos rios da Amazônia, se deparou com vários tipos de banzeiros que fizeram algumas das suas travessias não muito agradáveis, como ministrar aula de Organização Social Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica no período da ditadura militar. Esse é um dos exemplos de banzeiro que a professora enfrentou. Mesmo dentro do balanço das águas violentas, sempre prosseguia e conseguia margear com seu barco pela beira dos rios, encontrando também remansos, água tranquila em que pôde atracar seu barco e subir em pontes onde transitavam os saberes nos quais ela estava imersa desde a sua infância.

Logo, o design da dissertação se divide em três capítulos. O primeiro, intitulado **Travessias**, navego pelo rio Arari, de Cachoeira do Arari, onde a sua vivência está dividida em duas etapas: do seu nascimento até os 4 anos de idade e depois por volta dos seus 10 anos de idade, quando volta com sua avó Quitéria. Depois, sigo navegando em direção à Baía do Guajará para chegar a Belém e, em seguida, navego para o rio Tocantins até o rio das Flores, em Igarapé-Miri, com o intuito de refazer os caminhos navegados pela professora Ionete. Igualmente para conhecer suas histórias e entender como os saberes da ciência e da tradição lhe constituíram. Mesmo sabendo “que o pensamento não tem pátria nem nacionalidade”, consideramos também que ele precisa de um lugar para nascer e incubar-se, tanto quanto de territórios que favoreçam a sua maturação e metamorfose (ALMEIDA, 2012, p. 25). Para esse primeiro capítulo foram utilizadas as informações das entrevistas e de documentos para refazer as travessias da professora.

O segundo capítulo, intitulado **Pontes**, promove diálogos entre saberes científicos e os saberes da tradição, buscando subsídios para explicar o quanto esses dois saberes constituíram a professora Ionete. São desses saberes que se vale a referida professora em suas pesquisas para elaborar composições musicais. Aqui, a ideia é que o conceito de ponte faça o elo entre os dois lados do conhecimento, permitindo aproximação e integração dos saberes científicos com os *saberes da tradição*.

No terceiro capítulo, intitulado **Mergulhos**, exercitamos a religação dos saberes a partir das letras das composições musicais da professora Ionete, sobretudo as letras que expressam elementos da natureza e da cultura da região – da fauna, da flora, dos rios, dos costumes e de paisagens ribeirinhas. Foi a partir dessas letras que criamos seis histórias direcionadas ao público infantojuvenil, a fim de que os professores da escola básica os utilizem com seus alunos, em especial, nos Anos Iniciais (primeiro ao quinto ano) do Ensino Fundamental.

Por fim, apresentamos um **Glossário** com termos e expressões próprias do vocabulário amazônico, nem sempre de fácil compreensão por pessoas que nunca tiveram contato com a cultura da região.



# Travessias

*O rio sempre foi minha escola. Muitas coisas que eu sei hoje  
foi graças a essas minhas travessias pelas águas do Marajó,*

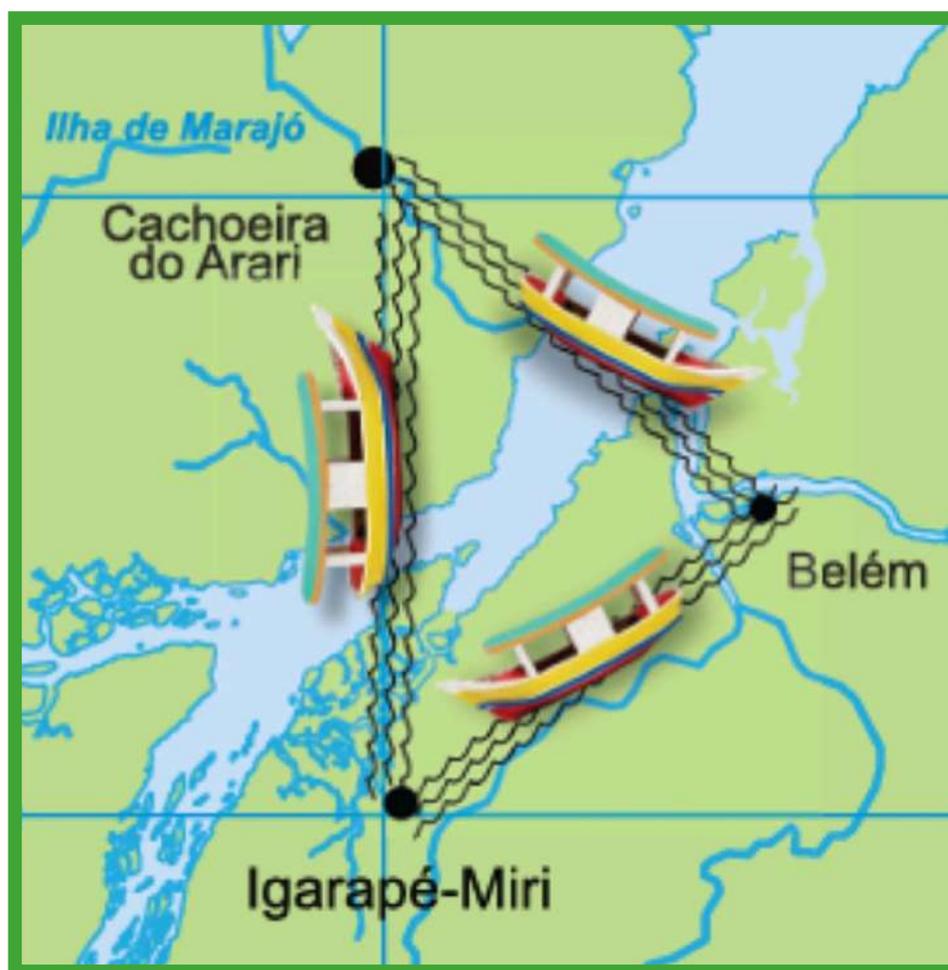
*Belém e Igarapé-Miri.*

**Ionete Gama**



Sobre o imenso verde da floresta Amazônica e um vasto mundo de água, encontramos o maior arquipélago fluvial marítimo do mundo, a Ilha de Marajó, localizada na foz do rio Amazonas no Pará. Ali estão catorze municípios, dentre eles, Cachoeira do Arari, conhecido como o coração de Marajó (Imagem 18). Foi nesse cenário de bela natureza que, em 18 de junho de 1939, nasceu Ionete da Silveira Gama, filha caçula de Alfredo Gama Júnior e Maria Raimunda da Silveira Gama.

**Imagem 18** – Mapa da localização de Marajó, destacando Cachoeira do Arari



**Fonte:** Acervo pessoal (2022).

Ainda muito criança, com quatro anos de idade, perdeu o pai, ficando a sua guarda sob os cuidados de Dona Quitéria, avó paterna. Nessa época, mãe solteira não podia ficar com a guarda do filho. Diante dessa situação desagradável e em busca de melhoria de vida, Maria Raimunda viajou para Belém, casou-se novamente e voltou à Ilha de Marajó em busca da sua filha Ionete Gama, deixando em Cachoeira do Arari seus outros filhos mais velhos.

## Belém-Baía do Guajará

*É tão bonito sonhar à beira-mar, ver o sol poente namorando a linda lua, a passarada no céu a gorjear, Belém adormecendo na Baía do Guajará. É no cair da noite é no raiar do dia, Belém de Nazaré é Belém de Maria.*

*Belém, Belém, Belém do Pará do chuê chuê do chuá chuá.*

Ionete Gama

Em Belém, morando no bairro da Pedreira, estudou até a segunda série do antigo curso primário na Escola Justo Chermont e cursou a terceira, a quarta e a quinta séries na Escola Doutor Freitas, sempre na companhia de seus primos que, além de dividirem a mesma casa, dividiam também as mesmas peripécias, a mesma escola e o mesmo lanche: pão com manteiga e água da torneira. A pequena Ionete se destacava por ser bastante curiosa e que gostava de, na escola, ser a primeira aluna em tudo do que participava. Apresentava um gosto admirável pela leitura. Quando seu padraсто lhe dava algum dinheiro para comprar sapatos novos, ela, imediatamente, pedia que seus sapatos velhos fossem levados ao sapateiro com a intenção de poder comprar revistas com o dinheiro que sobrasse do conserto. Embora tivesse um gosto diversificado na hora de escolher a leitura, tinha um encanto especial pelas lendas amazônicas. Na escola, chegou a recitar um poema de Waldemar Henrique para o governador Magalhães Barata<sup>9</sup>, quando da sua visita às escolas em Belém.

Nas escolas em que estudou, as avaliações – chamadas comumente de provas – eram elaboradas pelo governo e não pelos professores. Os resultados das provas determinavam o lugar onde os alunos iriam sentar-se na semana seguinte. Além das aulas de Aritmética, História, Geografia, Português e outras disciplinas, a menina Ionete gostava dos ensinamentos de um livro chamado *Lição de coisas*, uma espécie de paradidático trabalhado nas aulas de Ciências, que explicava as diversas utilidades de um produto, por exemplo, o cacau. O livro *Lição de coisas* dizia para que servia cada parte do cacau: da casca fazia o sabão; da fécula fazia um extrato usado na França; da semente era para fazer o chocolate; a gordura do cacau era um anti-inflamatório.

As lições de coisas foram formas pelas quais o método de ensino intuitivo foi vulgarizado, sendo, na realidade, a primeira forma de intuição – a intuição sensível. O conteúdo ensinado com o nome de lições de coisas veicula uma valorização do progresso científico e das aplicações a ele relacionadas. São acrescentados ao programa escolar áreas do conhecimento relativas às atividades produtivas, tais como as ciências físicas e a geometria e suas aplicações na construção de máquinas e produtos. A intenção estava assentada no método intuitivo, que enfatiza diferenças importantes e significativas no que se refere à utilização das ciências no mundo moderno e sua importância na sociedade, com vistas a priorizar a aquisição, pelo

<sup>9</sup> Joaquim de Magalhães Barata (1888-1959) foi um militar e político brasileiro. Governou o estado do Pará de 1955 a 1959, quando faleceu no exercício do cargo.

aluno, de algo que poderíamos chamar de raciocínio científico. Essas lições de coisas eram voltadas ao exercício de aprendizagem da passagem de um raciocínio a outro (concreto e abstrato), detendo-se nas diferentes mediações que iam do objeto conhecido, sua classificação e sua diferenciação, até chegar à definição ou ao conceito (CALKINS, 1886).

Por volta de 1945, final da Segunda Grande Guerra na Europa, conviveu de perto com o imaginário da época e escutou diversas histórias sobre os zepelins e os espões. Diante desse cenário, em entrevista realizada no dia 13 de abril de 2020, Ionete Gama compartilhou fragmentos de memória sobre o referido período<sup>10</sup>.

*Aqui na Pedreira, tinha um velho barbudo, barbudão, branco, uma barba suja, parecia que ele se camuflava no meio das pessoas, a gente não sabia o que era espião, a gente só ouvia falar. Como criança que ouve o que a gente fala e depois ela vai fofocar, era assim que a gente era. Aí passava o velho e as pessoas falavam:*

*“Olha, o zepelim veio ontem buscar aquele velho espião e vocês brincam aqui na rua, ele vai pegar vocês”. A gente ficava com medo do velho.*

*Esse velho morava na pedra milagrosa, é a dita pedra que te falo, que ficava bem de frente onde hoje passam as escolas de samba, aqui em Belém, era perto de casa. Era uma pedra muito alta, então era lá que ele morava e tinha condição de passar informações para os zepelins sobre tudo o que ele sabia. Depois disseram assim:*

*“Onde é que fica essa pedra milagrosa?”*

*Aí os idosos da travessa Vileta, diziam:*

*“Lá onde era o reduto, onde os cabanos<sup>11</sup> ficavam e guardavam as armas.”*

*Aí a vovó dizia assim:*

*“Que nada! Nada disso, saiam daí! Parem de escutar e contar besteira.”*

*Eles não queriam que a gente soubesse, a gente tinha a língua grande para falar, criança tem a língua grande, mas aí eram os cabanos que se escondiam também... Quando foi um dia, jogando barrabol, a gente achou que deveria ir na pedra milagrosa. Diziam para a gente não ir lá que era muito feio, só açazal, miritizal, muito feioso. Tinha essa pedra, agora não se sabe dessa pedra, não se sabe se é origem do nome do bairro da Pedreira, tinham muitas pedras miúdas, tinha tipo um degrau cavado na própria pedra... não tinha onde se segurar, muita gente tentou subir, mas o vento não deixava, não se sabia a hora que o vento parava de soprar, diziam que lá era o reduto dos cabanos... O movimento cabano aconteceu antes da guerra... O que aconteceu: o espião aproveitou esse mesmo lugar para se esconder, sabe-se lá o que tinha lá em cima, o zepelim garanto que deixou ele, deixou as coisas dele, os equipamentos. O zepelim planava, parava, os caras com as pernas de fora pertinho, então poderiam*

<sup>10</sup> A partir daqui, incluímos os fragmentos das entrevistas concedidas pela professora Ionete em itálico com recuo, para destacá-los da narrativa da dissertação.

<sup>11</sup> Faz referência ao movimento da Cabanagem que ocorreu entre os anos de 1835 e 1840 em Belém.

*deixar coisas para ele lá, alimentação, bomba. Mas, quando ele passava lá na Vileta as pessoas falavam:*

*“Olha! Lá vai o espião; mas calem a boca que ele pode comer gente”. Ficávamos com medo.*

*No quintal de casa, no bairro da Pedreira, tinha um buraco que, de tanto retirar barro para construir as paredes das casas, meu tio tinha feito, na parede desse buraco uma escada... Quando era à noite, o vizinho contava as histórias de guerra, que os soldados vigiavam até as crianças. Na nossa inocência, acreditávamos, e ele ia contando sobre o Zepelim, que eles planavam baixinho, realmente nós sabíamos que eles planavam... Então, meu vizinho disse que eles apitavam, que quando isso acontecia era um aviso para pegar as crianças para levar para a guerra, e nessa história o meu vizinho pegava um apito e assoprava. Josi, podíamos estar onde fosse, quando ele assoprava esse apito, a gente corria para o quintal, descia pela escada escavada no barro e ficávamos quietinhos dentro do buraco até alguém ir nos buscar, e lá a gente sofria na quentura com medo, com vontade de fazer xixi, mas depois minha avó brigou com ele porque assoprou o apito na hora do almoço e as crianças correram todas da mesa para o buraco.*

O bairro da Pedreira, onde a menina Ionete viveu parte de sua infância, foi palco de boas lembranças. No bairro, conhecido também por abrigar bares famosos da época, como o Seresteiro bar, Pedreira bar, Suburbana e o Estrela Dalva, com palcos preparados para os espetáculos de boi-bumbá, pássaros juninos, escolas de samba, sempre escutava músicas de artistas consagrados nacionalmente. Sobre esse fragmento de sua existência, Ionete contou, durante entrevista realizada no mês abril de 2020, momentos importantes do seu contato, ainda criança, com movimentos culturais, escolas de samba, artistas musicais e danças regionais.

*Então, lá na Suburbana o show era próximo da nossa casa; eu andava um quarteirão e já era o lugar onde acontecia o show. Não podíamos entrar, mas a gente ficava escutando tudo do lado de fora, levávamos nossas caixas para sentar e, de lá, a gente escutava tudo o que acontecia. Lembro de uma dupla famosa, Jararaca e Ratinho, que veio para se apresentar na Suburbana. A gente, criança, querendo ver e não deixavam, mas escutávamos e eles cantavam assim:*

*“Ontem eu tive um sonho, um sonho muito engraçado, sonhei que eu era o caçador”. E o outro falava: “e tu eras um veado”, e aí eles usavam de paródia... Eu e as outras crianças aprendíamos tudo e no outro dia íamos imitar, pegava um cabo de vassoura, colocava uma lata na ponta, me vestia e o show começava ali. Amava imitar Ângela Maria e todos diziam que eu iria ser cantora.*

*Lembro da escola de samba “Faz raiva”, só pelo nome tu já sabes, em tudo que eu participava, sempre queria ser a principal; na escola de samba, queria ser sambista. Eu era muito danada, dançava muito. Soube que estavam fazendo um bloco lá na*

*Humaitá, que era de fundo com o quintal da nossa casa na Vileta, o rapaz fez um bloco com o nome “Vai como pode”, eu fui lá e disse:*

*“Tem uma vaga para mim no teu bloco?”*

*Ele disse:*

*“Tem!”*

*Aí eu falei:*

*“Mas só quero se for de sambista.”*

*Ele respondeu:*

*“Nete, eu não posso te dar de sambista porque a sambista vai ser minha irmã”. Eu me aporrinhei e disse que a escola dele não ia sair, que ia ser feia.*

*Eu era muito mimada por essa minha avó, a mãe do meu padrasto, e pela minha tia Gilda, tive essa felicidade de ser mimada pela minha avó, que nem era minha avó de verdade, digo de sangue. Enquanto apanhava da outra avó, essa me dava carinho. Quando eu cheguei em casa falando braba, bicuda, porque não me deram a vaga de sambista, a titia logo me perguntou:*

*“O que foi que aconteceu que tu estás braba? Tu não és assim”, aí eu falei:*

*“Tia, fizeram uma escola de samba e não querem me dar a vaga.”*

*“E que vaga tu querias?”*

*“Eu quero ser a sambista.”*

*“Ah, minha filha, é a irmã dele que vai ser, se ele é o dono, é a irmã dele que ele vai colocar.”*

*No outro dia, minha tia disse para minha avó:*

*“Olha, mamãe, eu vou fazer uma escola para essas crianças”, porque não era só eu, tinha muitas crianças, minhas primas e vizinhança, e aí minha tia tirou uma combinação de tecido de cetim de dentro do guarda-roupa, era um vestido dela, foi para a máquina e fez o estandarte. Eu só exigia que tinha que ser bonito. Foram buscar purpurina para fazer o nome do bloco e tinha uma menina na rua de casa que tinha um comportamento diferente, mas ela dava umas respostas que a gente morria de rir, e quando a gente chegou para escolher o nome do bloco, a menina falou:*

*“Nete, se o deles é ‘Vai como pode’, bota aí no teu ‘Faz raiva’, para a gente fazer raiva para eles”, e todo mundo achou engraçado. Aí no estandarte colocaram “Faz raiva”, escreveram “Faz raiva” com purpurina.*

*Nós fomos convidados para dançar no bairro da Sacramenta. Naquela época, era muito longe, tinha que passar pelas roças, pela fábrica de guaraná Soberano, era longe. Eu deveria ter uns sete anos. Começaram a fazer a minha fantasia, compraram o papel crepom e aviamentos para a confecção. Tudo franzido com purpurina e eu empolgada, muito feliz, a gente pobre, né... Eu tenho uma coisa comigo, hoje em dia*

*ninguém se alegra com nada, criança nenhuma se alegra com coisas simples, mas a gente, quando viu todo mundo trabalhando, até louça eu lavava, porque todo mundo trabalhava, minha tia trabalhando na minha roupa eu lavava a louça, varria a casa e a minha tia falava:*

*“Meu Deus! Esse bloco está rendendo bem, a Nete não fazia nada e agora ela está esperta.”*

*Um amigo meu foi o porta-bandeira; colocaram nele uma saia de crochê. Naquele tempo, o crochê era famoso e caro, todos os vizinhos trazendo um pouquinho de cada material para inteirar na confecção das fantasias para o bloco sair. Eu sei que tinha até música do fnado Turião, um homem do Maranhão, mas eu não me lembro mais a letra da música, sei que a gente foi dançar onde convidaram.*

*Antes de sair para dançar no bairro da Sacramento, fizeram chocolate quente, tapioca, muito beijo chica<sup>12</sup>, tudo para a gente lanchar. Mas no meio do caminho caiu uma chuva, que ficamos tremendo de frio, eu só de calcinha, porque a chuva levou as nossas roupas que eram feitas de papel crepom, manchou tudo, não teve jeito, aí todos foram para o caribé<sup>13</sup> para não pegar gripe. Esse “Faz raiva” fez raiva mesmo, até hoje lembro. Aí sei que terminou o “Faz raiva”. Minha tia falava que Deus não quis, mas que em outro ano faria as roupas de tecido. No outro dia era encarnação na gente, eu tenho até uma foto dessa época, mas estou vestida de baiana.*

Toda essa alegria vivenciada foi interrompida aos nove anos de idade, quando sua mãe faleceu de pneumonia. Ficou por pouco tempo com a família do seu padrasto, pois sua avó Quitéria veio buscá-la, não permitindo que ficasse com a família que tanto amava e nem que continuasse seus estudos. Dizia ela que a neta não precisava estudar, pois não iria ser doutora.

## **Cachoeira do Arari-rio Arari**

*Venham chegando mais para ver, quem quiser pode ir, vá ver Cachoeira do Arari, você vai conhecer a terra de Dalcídio Jurandir, quem é o coração do Marajó? É Cachoeira.*

Ionete Gama

Dona Quitéria era andarilha, parteira das boas, sempre viajava para rever seus parentes e, em sua companhia, levava a menina Ionete, que continuava suas travessias, embarcava no rio Pará em direção ao rio Arari, rumo a Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó. Fragmentos dessas memórias foram compartilhados em entrevista realizada no mês abril de 2020. Esses fragmentos contam

<sup>12</sup> Trata-se de um alimento feito com mandioca.

<sup>13</sup> O caribé é um recurso alimentar historicamente inventado pelos caboclos da Amazônia paraense. Atribuem a ele a mesma carga curativa.

momentos importantes de vivências de Ionete com a cultura marajoara, com tradições religiosas, influências musicais e conhecimentos tradicionais. Escutemos Ionete Gama:

*Em Cachoeira, eu andava a cavalo, bebia leite quente, minha tia tinha uma fazendola (fazendola era o nome que se dava na época para fazendas pequenas), e lá tínhamos nossas vacas preferidas. Eu e meus irmãos, que moravam em Cachoeira, chamávamos pelos nomes: Chica Miúda e Bernarda – eram as vacas que davam mais leite, enchiam uma panela de barro que minha tia encontrou no tesó, e essa panela tinha até nome: Maria Bernadete, o mesmo nome de uma vizinha de quadris largos e cintura fina. Quando criança, minha filha, a gente dava apelido para tudo.*

*Lembro-me também da casa da minha tia que era de paxiúba, um tipo de madeira. Quando almoçávamos, jogávamos farinha pela greta para o peixe comer. Eram muitos peixes, tinha matupiri e tucunaré. A gente ficava vendo tantos peixes, era muita fatura. Lá fui aprendendo o nome dos peixes, a época em que eles se reproduziam, meus tios sabiam de tudo isso e me falavam.*

*Quando a avó era chamada nas fazendas para realizar os partos, eu a acompanhava e ficava brincando do lado de fora da casa junto com as outras crianças, mas, curiosa como sempre fui, já sabia sobre os unguentos e banhas que minha avó preparava um dia antes para usar durante os partos.*

*Meu tio Antônio Gama era componente do grupo de músicos que acompanhava a esmolação<sup>14</sup> para São Sebastião. Ele cantava e tocava viola e lá estava eu em sua companhia, me divertindo e dançando junto com meu tio andando pelas fazendas.*

*São Sebastião é protetor de tudo no Marajó, das pestes, da fome, de tudo porque ele é o protetor da humanidade. O caso é que, quando ele vem na esmolação, vem trazendo cavalo, porco, tudo doação dos fazendeiros, porque já criaram para o santo, para dar na hora da esmolação. Na fazenda da minha tia, quando nasciam 12 porquinhos, um era reservado para o santo, depois tinha o leilão das doações para arrecadar o dinheiro que seria investido na festividade do santo.*

*Quando o santo chegava na fazenda, começava a cantoria: “Senhores donos da casa, abram a porta que eu quero entrar, trago o meu São Sebastião para lhe visitar. Nessas visitas, o melhor era feito para receber o santo. Ele passava sobre a cabeça de cada criança ajoelhada e todos pediam direção para as crianças que ali se encontravam.*

## **Igarapé-Miri-rio das Flores, o rio dos meus encantos**

*Lá no rio das Flores, lá em Igarapé-Miri, depois da reza pra São Pedro e São João dançava banguê lá no barracão.*

<sup>14</sup> É um processo que acontece antes das festividades, com o propósito de arrecadar donativos para a festa religiosa.

*Se você ainda não viu, vá vê; se já viu, vá vê de novo, nosso Igarapé-Miri alegria do meu povo.*

Ionete Gama

Por volta dos anos de 1950, também na companhia da sua avó Quitéria, embarcou em mais uma travessia, agora no navio Coronel Sampaio. O barco saía de Belém, entrava pelo rio Guamá, passava por Igarapé-Miri até chegar ao rio Maiauatá, última parada do barco. Nessa localidade, Ionete e sua avó desembarcavam à espera de um outro barco menor que seguia em direção ao rio das Flores – área rural do município de Igarapé-Miri, o rio dos encantos da professora. Sobre essa fase de vida, Ionete nos contou, em entrevista realizada em novembro de 2020, importantes memórias da sua formação como professora e artista multicultural. Nesses fragmentos, constam lembranças da vida ribeirinha, do seu contato com a cultura e história afro-brasileira na região amazônica, da sua convivência com a cultura e o imaginário amazônico em diferentes lugares do estado do Pará. Ionete relata:

*Lembro que o Coronel Sampaio apitava e o povo corria para a ponte para pegar suas encomendas. O barco trazia muitas coisas, ia abastecendo o povo da beira do rio, parava nos engenhos para abastecer os camburões de cachaça, comércio, fábricas de óleos. Era uma alegria onde atracávamos, pois, além de mantimentos e utensílios, trazíamos notícias das pessoas, eram muitas cartas com notícias de parentes.*

*Quando chegava no rio das Flores, achava que o tempo demorava a passar. Observadora e, curiosa, ia me aventurando nas peripécias e perguntava sobre tudo o que acontecia em minha volta. Corria no quintal, subia nas árvores para tocar nos frutos, fazia colares de flores e pendurava no pescoço, ficava contemplando os rios, os animais e tudo que estava ao meu redor.*

*Minha tia estava fazendo as coisas, eu estava lá.*

*“O que é titia, a senhora vai colocar o quê?” “Por que a senhora está fazendo isso, por que é assim?”*

*Quando ela estava cozinhando, não deixava eu chegar muito perto, por causa do fogão de lenha e para as panelas não me queimarem.*

*No rio das Flores havia também muitos descendentes de negros que foram escravizados. Como Igarapé-Miri tinha muitos engenhos de cachaça, muitos ainda viviam por ali pela beira do rio. Sempre tinha gente dos engenhos nos contando as histórias de seu povo, tentando sobreviver à dura vida e foi com eles que travei longas conversas. Eu escutava os negros, a minha história com os negros de Igarapé-Miri, das cachaças dos engenhos... era porque eu conversava com eles...*

*A nossa casa era simples, coberta de palha, mas era farta, meu tio trabalhava no regatão que vinha do Moju. Quando ele retornava para casa, trazia farinha de mandioca,*

*madeira, rosca, pão, café, açúcar e sal, muitas coisas se estragavam. Além de tudo isso, minha tia fazia um mingau de açaí e todo mundo tomava mingau, ou seja, a gente já não ia comer aquilo que o titio trazia.*

*Então, quando eles passavam no batelão, remando no faia, água grande de lançante, passavam bem perto da casa da titia, eu dizia:*

*“Ei!”*

*E eles diziam:*

*“Ei, menina, como vai?”*

*“Parem aí que eu vou mandar fazer um café.”*

*A titia ficava muito grossa, mas eu era de Belém, era do coração. A titia ia fazer um bule grande que tinha flores, eu ia pegar as bolachas e eles sentavam e iam tomar aquele café. Eu olhava as pernas deles, aquele barro que era de antes de ontem que não dava tempo de tomarem banho... acho que lá mesmo na casa se jogavam no chão e dormiam para poder trabalhar no outro dia... Passavam por outro tipo de escravidão, a do caderno. Eles só trabalhavam, mas nunca pagavam suas dívidas, tudo isso naquela época, eu com onze ou doze anos já prestava atenção em tudo o que eles faziam e falavam ... eu acho que é uma coisa que Deus me deu, que eu sei muita coisa por causa disso... Eles tomavam esse café... muitos negros velhinhos com seus filhos.*

*No outro dia, eles traziam cana-de-açúcar, diziam:*

*“Menina bonita, o que você quer mais lá da roça?”*

*Eles colhiam jerimum, maniorana, que é igual à vinagreira, quiabo, maxixe e eles traziam para a titia comer com peixe liso, um tipo de peixe seco que eles usam muito em Igarapé-Miri... que vem de Manaus, então, eles traziam...*

*A roça era do meu tio, na volta deles eu perguntava o que eles iam comer... eles diziam que era peixe..., eles botavam de molho amarrado no fio dentro do rio, já traziam o açaí até azedo... eles traziam cana para eu chupar, ficava com o dente todo dolorido... E fui conhecendo a negritude, conhecendo a história nos anos 50.*

*Coitada da minha tia no rio das Flores, vovó sempre me deixava por lá e voltava pra Belém. Eu, criança curiosa, tudo queria saber, pegava um balde para encher água, apanhava flores e frutos para jogar na água, andava em cima dos miritizeiros, mesmo não sabendo nadar. Minha tia ficava muito brava comigo. Lembro que existiam uns navios chamados Marabaenses, barcos que faziam transportes de Belém para Marabá e, quando passava um pelo rio, provocava muito banzeiro. Eu mais uma prima minha pegávamos as canoas mesmo sem saber nadar. Nos banzeiros iam aparecendo os botos. Começava as cantorias para os botos, jogava frutas (jambu rosa), já que eu não podia comer porque tinha tomado açaí. Eu apanhava da árvore, colocava nos paneiros e dava para eles comerem. Cada dia que passava, eram mais botos, coisa de criança, depois eu já sentava na ponte e cantava várias músicas românticas, de Dalva de Oliveira, e chamava os botos pra namorarem comigo, pra virem me buscar. Depois*

*de vários dias nesse ritual, tinham muitos botos em minha volta. Tudo terminou porque numa dessas tardes começou a me dar febre e minha tia ficou com muito medo, dizendo que eu estava mundiada de boto. Depois de chamar as melhores benzedadeiras da região, colocava alho, ramos de folhas pendurados no punho da minha rede, para espantar boto, e me mandou de volta pra Belém.*

E foi no rio dos seus encantos, aos dezesseis anos, que a professora Ionete Gama vivenciou sua primeira experiência profissional. Na casa do seu tio Marcilon, funcionava uma escola municipal. Como a menina Ionete tinha a quinta série completa, os responsáveis pela escola consideraram que ela poderia ministrar aulas para as crianças. E, assim, a professora Ionete deu seus primeiros passos como docente. Sobre essas primeiras memórias como professora, ela nos contou em entrevista:

*Tinha, naquele tempo, uns livros que a gente cobria, tinha o ABC, não eram muitos alunos, eram quatro ou cinco alunos. Já se sabia que nem todo mundo ia para a aula porque tinha que trabalhar, o máximo eram oito pessoas, tinha gente que já lia e escrevia, era tudo misturado, não tinha divisão de série<sup>15</sup> no interior. Eu perguntava a tabuada, mas usava um pouco do que eu tinha aprendido em Belém pra fazer com eles, isso era anos de 1950, era um período do romantismo, usavam muito esses livrinhos de versos de poesias, chegava a criar versos para as pessoas escreverem em seus barcos.*

Com 19 anos, mudou-se com os seus tios para Igarapé-Miri, e por lá continuou trabalhando como professora por um curto período, pois constituiu família. Por conta do nascimento de seus filhos, parou de lecionar, mas não de trabalhar. Junto com seu marido, fomentava a cultura do município, criando atrações artísticas, como bumba meu boi, pássaros juninos, escolas de samba e outros.

Nesse mesmo tempo, conviveu com sua sogra Merandolina, parteira e curandeira, que não era letrada e, por isso, Ionete era quem escrevia as receitas dos remédios que as entidades prescreviam em sua cabeça. As pessoas vinham de longe, muitos desenganados dos médicos e, na maioria das vezes, passavam a estadia na sua casa, para alcançar a cura. Ela rezava na frente dos santos, depois de incorporar dava o passe, benzina e manipulava os remédios, com folhas colhidas do próprio quintal, um laboratório perfeito para que Ionete aprofundasse mais os conhecimentos sobre as plantas, unguentos, óleos e outros medicamentos naturais. Sobre essas memórias, Ionete lembrou em entrevista:

---

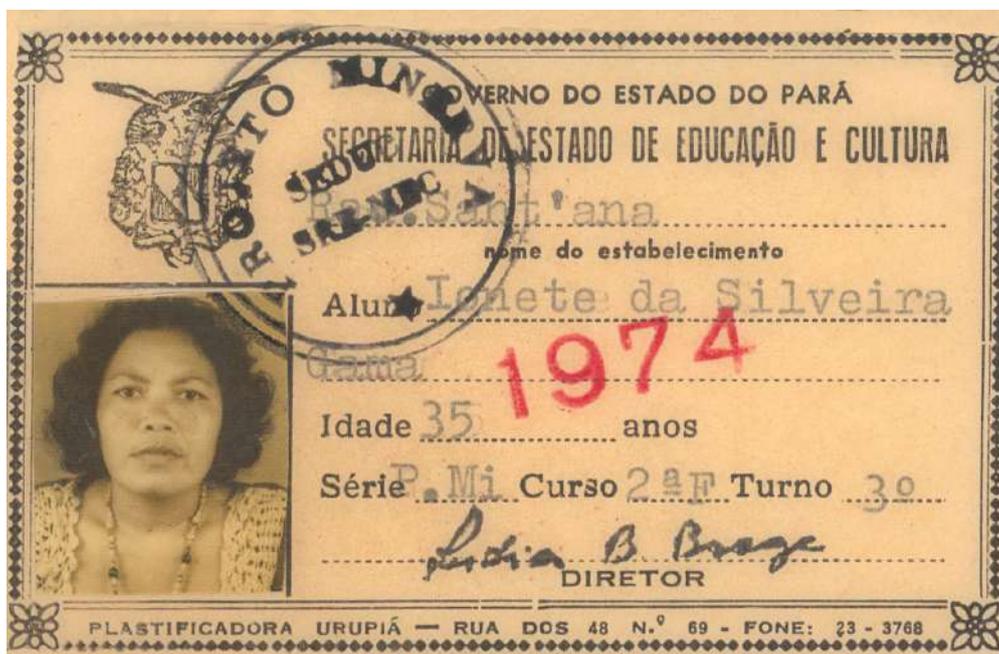
<sup>15</sup> Aqui, a professora Ionete se refere às turmas seriadas que até os dias atuais existem nas comunidades ribeirinhas e rurais, pela falta de alunos para formar uma turma completa. Então, juntam-se na mesma sala alunos de vários anos sob a responsabilidade de uma única professora.

*Quando a minha sogra ia pegar uma criança que a mãe não tinha dilatação, os médicos vão lá e cortam, a minha sogra não fazia assim, ela pegava a cebola, principalmente a roxa, raspava, misturava com óleo de amêndoas, passava na vagina para dar passagem para o nenê e, depois que a mulher paria, ela sentava no quadril da mulher para fechar. Com oito dias, a mulher estava fazendo todos os serviços domésticos em sua casa.*

Muitas pessoas observavam o trabalho de Ionete e a questionavam, querendo saber o porquê de não continuar os seus estudos. Uma mulher inteligente para ficar somente na casa, e já com o casamento em crise, resolveu que iria buscar meios de sobreviver para ela e seus filhos e ter sua liberdade. Resolveu, então, continuar os estudos, mesmo sabendo que não seria fácil.

Embora já tivesse cursado o ensino primário, no município de Belém, precisou do seu certificado para dar continuidade a uma nova etapa; como nada foi encontrado, a não ser seu boletim escolar, cursou novamente a quinta série no Instituto Nossa Senhora Santana, no município de Igarapé-Miri e, posteriormente, iniciou o projeto Minerva, equivalente ao primeiro grau. Depois frequentou o extinto Centro de Treinamentos de Recursos Humanos (CTRH), localizado em Marituba, região metropolitana de Belém, com vários cursos, para poder lecionar até a antiga oitava série. Em seguida, fez o curso normal em Abaetetuba, município vizinho de Igarapé-Miri e, posteriormente, o C-19.

**Imagem 19** – Carteira de estudante



**Fonte:** Acervo pessoal (1974).

Imagem 20 – Certificados de cursos

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ  
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO ESTADO DO PARÁ  
CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE 1º GRAU – NÍVEL DE 2º GRAU

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DE CURSO

Certificamos que ICNETE DA SILVEIRA GAMA  
cursou a 1ª. etapa do Curso de Formação de Professores de 1º Grau  
Nível de 2º Grau, exercício de 19 à 4ª série no período de  
03-01 à 30-03-1977 realizado no município de ABARÉTUBA  
conforme resultado final e observação  
constante abaixo:

DISCIPLINA	C H	N. FINAL	CONCEITO	RESULTADO
L. PORTUGUESA	105	5,0	R	APROVADA
DESENHO	60	6,7	R	APROVADA
HIGIENE	30	7,3	B	APROVADA
NUTRIÇÃO	30	6,5	R	APROVADA
G. DA AMAZÔNIA	60	7,6	B	APROVADA
MATEMÁTICA	60	7,0	B	APROVADA
ED. M. CÍVICA	60	7,5	B	APROVADA
ED. ARTÍSTICA	90	8,0	B	APROVADA
ED. FÍSICA	60	7,0	B	APROVADA
PSICOLOGIA I	60	7,7	B	APROVADA
F. DA EDUCAÇÃO	60	7,0	B	APROVADA
PSICOLOGIA II	60	8,5	B	APROVADA

Observação: Esta aluna concluiu a primeira etapa do curso de Formação de professor de 1º grau-nível de 2º grau. Exercício de 1ª. à 4ª. série. Tendo direito a matrícula na 2ª. etapa.

Secretário Local

Coordenador Local

1977 – Conclusão da primeira etapa do Curso Formação de Professores.



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO

### CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

O Secretário de Estado de Administração, nos termos da  
Legislação Vigente e de acordo com o resultado do Concurso

C - 19 PROFESSOR DE ENSINO DE 1º GRAU GEP-M-401.2 xxxxxxxx

homologado em 03 / 07 / 79, resolve expedir este Certificado,

a IONETE SILVEIRA GAMA

filho (a) de ALFREDO GAMA JUNIOR e MARIA DA SILVEIRA GAMA

tendo sido Classificado (a) em 62º lugar.

Belém, 20 de novembro de 1980

*J. K. S.*  
Secretário de Estado de Administração

1980 – C-19 Professor de Ensino de 1º Grau.



PREFEITURA MUNICIPAL DE ABAETETUBA  
3.ª DIVISÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL

### Certificado de Participação

Certificamos que,

o(a) Sr.(a) IONETE DA SILVEIRA GAMA, participou  
do I Encontro de Educadores dos Municípios de Abaetetuba, Acará, Barcarena, Bujarú, Igarapé-Miri, Moju e Tomé-Açú, realizado no período de 03 a 08 de março de 1980.

Abaetetuba, 08 de março de 1980

*Renato Pereira*  
PREFEITO MUNICIPAL

*Denise Benedita Ferreira Cordeiro*  
DIRETOR DA 3.ª DRE

*Barthem Bardoza Ferreira*  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

1980 – I Encontro de Educadores dos municípios de Abaetetuba, Acará, Barcarena, Bujaru, Igarapé-Miri, Moju, Tomé-Açú.

# PROJETO RONDON

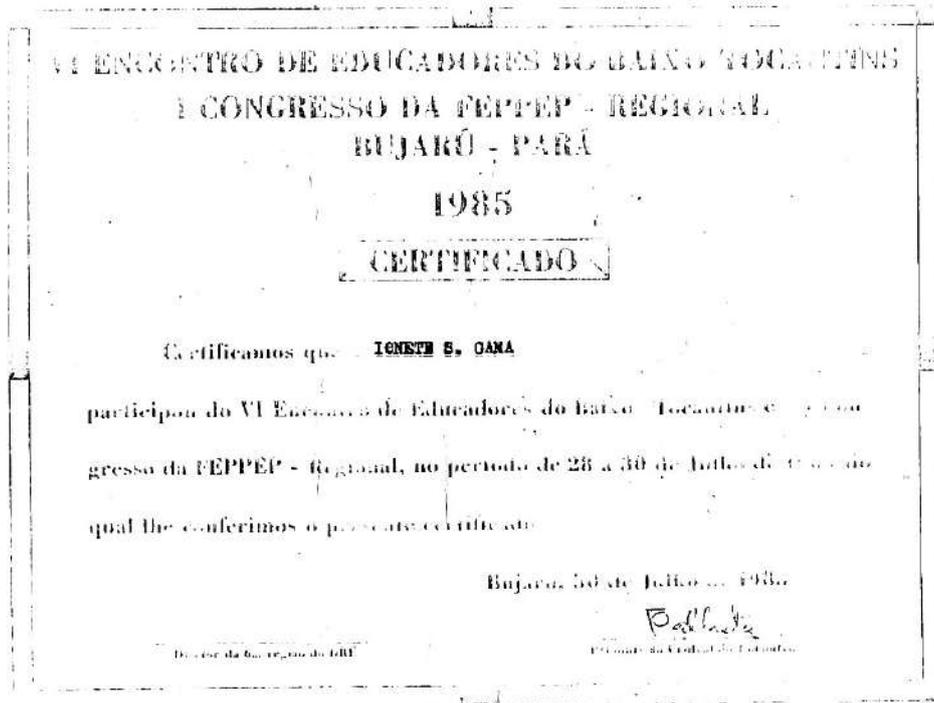
## CERTIFICADO

Certificamos que *Jonete da Silveira Gama*  
participou com aproveitamento do Curso de .....  
*Psicologia da Criança* .....  
ministrado pela equipe de Educação - PRO XXI  
durante o período de *19-01 a 04-02-81* .....  
na Operação Nacional ..... município de  
*Igarapé-Miri* ..... Estado *Pará* .....

*Raulo dos Prazeres Filho*



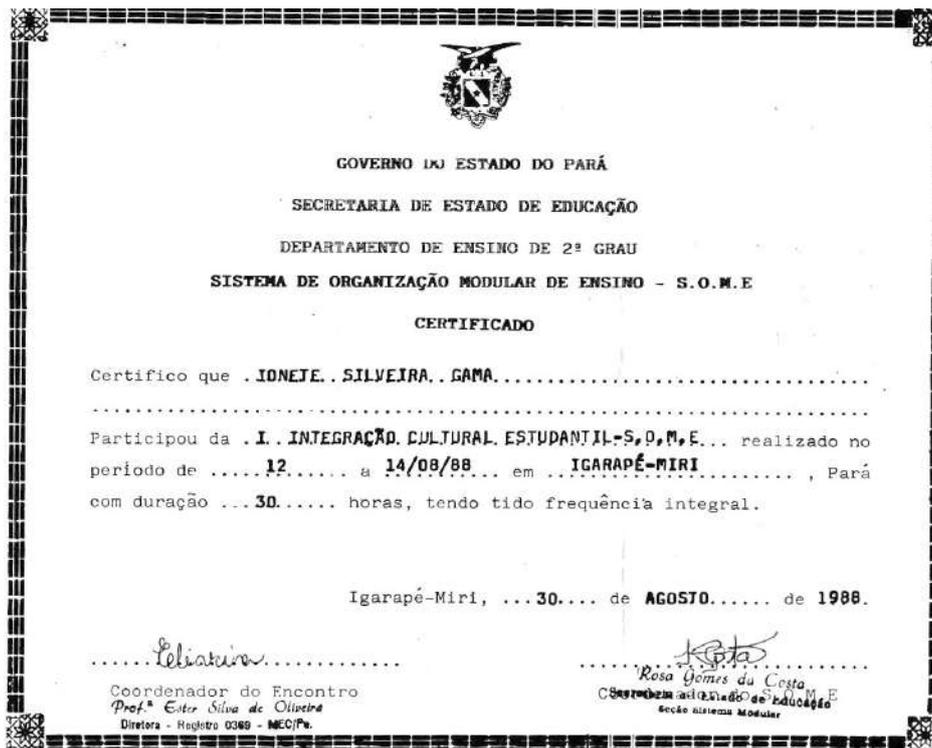
*Alvina*



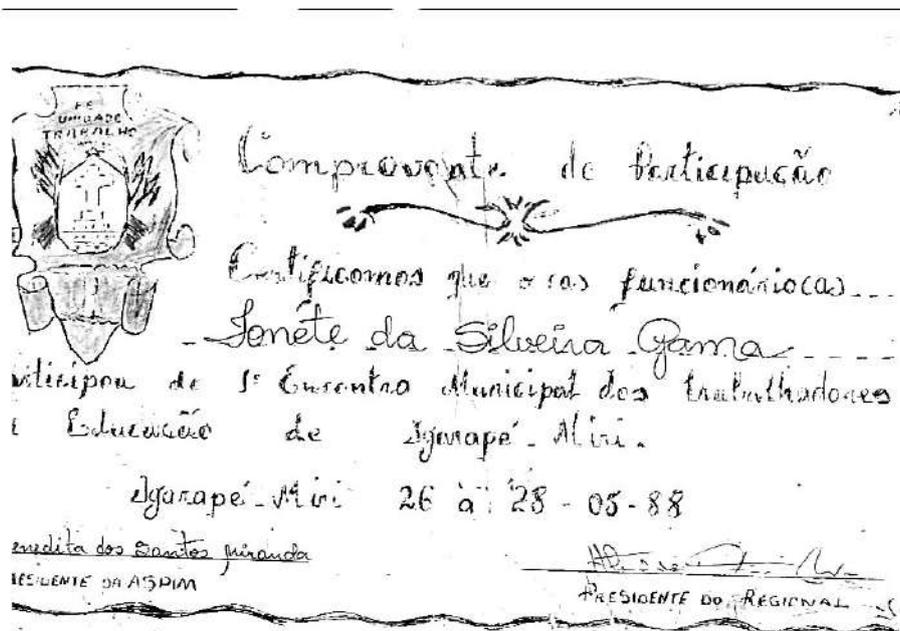
1985 – VI Encontro dos Educadores do Baixo Tocantins  
I Congresso da FEPPEP – Regional.



1987 – V Congresso Estadual da FEPPEP  
Educação, participação e compromisso – delegada.



1988 – I Integração Cultural Estudantil – SOME.



1988 – Primeiro Encontro Municipal dos Trabalhadores da Educação de Igarapé-Miri.

  
**GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ**  
**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ESTADUAL DO PARÁ**

O Diretor do Instituto de Educação Estadual do Pará, nos termos das Resoluções nº 37/72 e 105/73, do Conselho Estadual de Educação, confere ao (a) aluno (a) IONETE DA SILVEIRA GAMA \*\*\*  
 \*\*\* \*\* \*\* \*\* \*\*  
 \*\*\* \*\* \*\* \*\* \*\* filho (a) de ALFREDO GAMA JUNIOR \*\*\* \*\*  
 e de MARIA DA SILVEIRA GAMA natural de CACHOEIRA DO ARARI - PARÁ  
 \*\*\* \*\* \*\* \*\*, nascido (a) em 18 de JUNHO de 1939, o Diploma de  
**PROFESSOR DE ENSINO DE 1º. GRAU 1ª à 4ª SÉRIE**  
 de acordo com a Lei nº 5692/71, a fim de que possa exercer a profissão com os direitos e prerrogativas legalmente concedidas.  
 Belém (PA), 25 de JUNHO de 1989.

\_\_\_\_\_  
 Maria da Silveira Gama  
 Diplomanda

\_\_\_\_\_  
 Maria da Costa do Pará  
 Secretária de I.E.P.  
 Autenticação nº 010/84

\_\_\_\_\_  
 Afonso de Sousa Junior  
 Diretor de I.E.P.  
 Reg. nº 0608/PA

1989 – Conclusão do Curso Formação de Professores.

Fonte: Acervo pessoal.

Durante a sua vida como professora, lecionou várias disciplinas, como Organização Social Política Brasileira (OSPB); Educação Moral e Cívica; Técnicas Comerciais; Educação Artística; Geografia; História; Estudos Amazônicos; Português e Matemática para as quartas e quintas séries, no antigo primeiro grau – atualmente correspondentes aos terceiros e quartos anos do Ensino Fundamental. No decorrer do ofício do magistério, envolveu-se também com os movimentos sindicais da sua categoria. Escutemos a professora Ionete:

*Eu estive na fundação da CUT em Brasília, fui pela nossa Associação de Professores, não éramos associados à CUT, fomos lá para querer ser, mas eles não queriam a gente, queriam só os trabalhadores rurais, metalúrgicos. Depois aconteceram vários outros encontros e eu não podia largar a sala de aula e meus alunos. Foi nesses movimentos da CUT, nos encontros de professores, que fui me aperfeiçoando, fazendo cursos pelas cidades que íamos passando. Fiz Psicologia Infantil pelo projeto RONDON; curso em Brasília sobre os estudos dirigidos. O estudo dirigido foi o que me capacitou para retirar dos textos somente o que era necessário. Participei de outros encontros de professores que me permitiram trocar conhecimento com colegas de outras regiões. Nesses movimentos de professores, além de brigar pela educação, eu também já cantava.*

Tempo mais tarde, a professora foi ministrando aulas de História do Brasil e Estudos Amazônicos; porém, notou que seus alunos não se interessavam pela História do seu município, não sentiam orgulho do lugar onde nasceram. Esse fato despertou na professora uma inquietude, fazendo com que nas suas horas vagas, principalmente nas férias, elaborasse um plano de pesquisa sobre o município de Igarapé-Miri. Sobre essas memórias, Ionete conta:

*Nas horas vagas, eu pesquisava a história de Igarapé-Miri, seus costumes, lendas, tradições, geografia, culinária e outros aspectos, porque todas as vezes que eu falava da cidade nas aulas de Estudos Amazônicos, eu falava que Igarapé-Miri era bonita, mas eles não concordavam comigo. Então eu fui pesquisando e influenciando os meus alunos a gostarem da cidade deles. As pesquisas que eu realizava no interior eram pagas com meu dinheiro, fui conhecer a geografia do município. Por isso que todo mundo perguntava para mim qual a maneira de se escrever os nomes dos lugares: Ponte do Suspiro, Mucajateua, Cataniandeuá, Mamangau, Maiauatá... fui descobrindo também o nome dos rios – Panacauéira. O Igarapé-Miri velho, que é um lugar onde as pessoas passavam para vender palhas, dizem que foi lá no Igarapé-Miri velho que naufragou um barco, e os cabanos pegaram todo o ouro que ia pra Igarapé-Miri...*

*Eu não podia falar da Amazônia sem falar de Igarapé-Miri. Onde ela estava situada – no baixo Tocantins, e assim por diante. Até príncipe morou em Igarapé-Miri, a família Mácula é de príncipes, vieram fugidos da Itália. O povo de Igarapé-Miri foi para a Segunda Grande Guerra, que terminou em 1945. Acho que cada estado deveria ter o livro da sua própria história e eu sempre colocava essas sementinhas nas*

*cabeças dos meus alunos. Parecia que ninguém gostava da sua cidade, principalmente a juventude. Toda vez que eu falava de Igarapé-Miri, eles falavam que queriam sair da cidade, queriam ir embora da cidade, que não tem nada para fazer. Então, eu começava a dizer o que tinha de belo, entrava na parte geográfica, depois ia dizendo que era rica em minério, barro, argila e hoje acho lindo eles dizerem que são da capital mundial do açaí.*

*A discussão das aulas ia surgindo das conversas que eles me contavam sobre o que sabiam. Uma tal de cuequinha e cuecão, que depois eu fui conhecer, umas duas ilhas que surgiram lá para os lados do Jarimbu. A terra vai crescendo, cria mato e vira ilha. Era uma Geografia que eu misturava com a História, para eles poderem se envolver. Uma conta de um lado, outra conta de outro, depois quando tudo terminava, todos escreviam numa boa. Eu criava uma história antes da outra história, fazia um enriquecimento numa moldura bem bonita, aí eles iam dando outras ideias. Aí eu ia dizendo:*

*“Vocês conhecem o Icatu? A Santa Maria de Nazaré de lá do Igarapezinho? Peçam para o pai de vocês levarem vocês. É lindo!”*

*Quer dizer, eu ia colocando açúcar ou sei lá o quê. Já para os maiores eu falava de outra maneira. Para os pequenininhos era de um jeito e para os alunos de sétima e oitava já era de outra forma, de outro jeito, falava das músicas, como eram as festas, que os negros não podiam frequentar o mesmo espaço dos brancos, eu falava que em Igarapé-Miri já houve grandes festas, como a da Boa Esperança.*

Para que as sementinhas germinassem, a professora fez uso de diversas metodologias para ensinar os conteúdos das disciplinas que ministrava. Sobre esses fragmentos, ela explica:

*Eu fiz com meus alunos um turismo no pensamento, era uma oitava série, passei a matéria e depois pedi que eles viessem aqui em Belém, fazer um turismo no pensamento. Era prova, eles baixaram as cabeças na cadeira, e eu perguntava:*

*“Não está faltando ninguém? – Onde estão as sacolas de vocês?”*

*“Vão entrando com cuidado, com as coisas de vocês!”*

*Aí o ônibus chegou e todos foram pra Belém, saíram direto para a Igreja da Sé, rezaram e foram para casa das 11 janelas. Depois fomos na Praça da República e, assim, fomos visitando os pontos históricos. Gente, até eu fiquei entusiasmada, eu vi que meus alunos aprenderam, eles perguntavam qual era o ônibus que iríamos pegar para ir para o barco de volta pra Igarapé-Miri. Depois que eles abriram os olhos, falaram que gostaram.*

Na oitava série do Ensino Fundamental, realizou uma maneira diferente de avaliar seus alunos, passou um trabalho de pesquisa e solicitou que pesquisassem e trouxessem para a sala

de aula materiais, tecidos de palhas, objetos de barro, plantas cheirosas, remédios da terra, e indicassem para que cada item servia.

*Quando chegou nas minhas mãos, eram vidros e vidros de banhas de animais, dizendo para que serviam, as avós ajudavam os seus netos e mandavam material, veio tupé, peneira, panelas de barro, sabão de cacau e outras coisas.*

Para trabalhar técnica de comércio, uma discente criou um jornal, com recorte de revista, com notícias reais, com redator buscando sempre desenvolver a ludicidade.

*Falando sobre o índio, como era a produção da canoa, raspa o pau, toca fogo tudo para virar madeira leve para fazer os barcos e naquilo ele anda no rio, aí eu já ia envolvendo Igarapé-Miri, que era o lugar onde se faz os melhores barcos, melhor linha d'água, melhor calafate são de Igarapé-Miri, melhores abridores de letras são de Igarapé Miri, falava nas profissões, que Igarapé-Miri tinha as melhores profissões, desenhavam barcos, desenhavam panelas de barros.*

*Conforme o diálogo em sala de aula, outros assuntos iriam aparecendo. Um aluno disse que tinha lá no Anapu uma igaçaba com um rosto pintado, mandei ele desenhar; de fato, era uma igaçaba, que eles colocavam água para beber, feita de barro, aí eu já puxava que o barro era um minério, a tabatinga como era que o índio se pintava com a tabatinga. Tudo o que eu via na natureza eu ia colocando na minha aula, uma coisa ia puxando a outra.*

*Eu cantava:*

*Senhor da floresta, um índio guerreiro da raça Tupi, vivia pescando no fundo da margem do rio Chuí, de longe habitava a filha formosa do "Morubixaba". Aí eu tinha que explicar no dia seguinte. E no dia seguinte a gente termina de falar sobre o índio. Eu explicava "Morubixaba", quem era a filha formosa, o rio Chuí, onde ele ficava? Lá no Sul, passava para a Geografia, entende como é? Eu ia globalizando a história.*

Embora ela se sentisse realizada e feliz com a escolha da profissão, pois desde criança já gostava de trabalhar com o público, ser professora possibilitou que sua voz fosse escutada pela manhã, tarde e noite. A vida profissional não foi somente flores, era criticada pelos próprios colegas de profissão, especialmente aqueles que não modificavam sua metodologia de trabalho docente e que se mantinham na mesmice durante anos e anos. Sobre esses momentos de sua vida profissional, Ionete nos contou em entrevista em novembro de 2020:

*A vida de professora não foi somente flores, houve espinhos no caminho... até hoje ainda tem espinho para secar, para ser tirado, para ser quebrado. Porque não são todas as*

*rosas que têm espinhos..., mas as rosas mais assim, floridas, mais coloridas, sempre têm os espinhos maiores, né? Até minha metodologia de trabalho era criticada, professores formados que só sabiam aquilo, todo ano falavam a mesma coisa para o aluno; quando tinha aluno repetente, nem olhavam para o quadro. Professora que tem preguiça, porque tem professor que tem preguiça de dar aula, ele é um enganador, ele não puxa pela inteligência do aluno, ele engana, ele engana, chega dói na gente. Fiquei sem voz uns seis meses, eu fui do giz, só escrevia e não lia para os meus alunos. Uma aluna que sabia ler direito que explicava para mim, porque eu não podia explicar, pois quase perco a voz todinha de pó de giz caindo na garganta.*

*Outro espinho, esse o mais dolorido, foi ministrar aulas de OSPB e Educação Moral e Cívica em um período que se caracterizava pela ausência de democracia, devido ao regime militar; foi um desafio.*

*Tinha vontade de infringir, de rasgar tudo, mas eu tinha que dar do jeito que mandavam, eu só metia outras coisas que não eram previstas, porque eu sempre fui assim de espetar, eu falava:*

*“Adiantava a gente ser governado por polícia? Não! Liberdade é outra coisa. Você não poder falar o que você pensa, será que o pensamento deve ficar preso somente no pensamento da gente? Liberdade de expressão, Paulo Freire. Eu lia muito Paulo Freire.*

A professora Ionete também ministrou aula no supletivo, mas analisou que o ensino era fraco para a formação dos alunos e isso lhe rendeu diversos questionamentos sobre a forma pela qual esses alunos eram ensinados. Como profissional preocupada com a Educação, buscou formas de confrontar o sistema de ensino da época. Sobre esses fragmentos de memórias, relata:

*Vou lá trabalhar, cheguei um ensino muito fraco, uma sétima e oitava que não davam matéria que estavam dando no ginásio, para ir para um segundo grau; o que eles iam fazer lá? Aí eu achei que deveria “chutar o balde”. Aí fui falando para as outras professoras, tu que dá português, dá do jeito que dá no ginásio, tu que dá matemática vai ser a mesma coisa também, que eu vou dar história e geografia, combinamos entre a gente e formamos um plano de aula, não tão forte como do ginásio, mas dando a matéria que era para dar, eu não dei folga.*

*Quando eu cheguei aqui em Belém para uma reunião de professores sobre o supletivo, alguém contou para outras professoras sobre as mudanças realizadas por nós, do jeito que a gente dava aula. Uma professora jogou xaveco, ela disse:*

*É engraçado, existem umas professoras que chegam para dar aula no supletivo, chegam de outras escolas e querem mandar em tudo. Aí eu me “aporrinhei”, parece que não podia tocar em mim, sabe quando a gente é da luta, do movimento, tu tens que rebater.*

*Elas vieram me humilhar, umas três delas, todas bonitonas, aí eu disse:*

*“Escuta, esse estudo que com vinte pontos já estão passados, que história é essa?”. Elas disseram:*

*“É, eu soube que as professoras de Igarapé-Miri alteraram as normas do supletivo”. Fui eu! Assim mesmo, fui eu! Se a senhora quiser me tirar, tire, não interessa, eu dou aula no ginásio, mas eu vou lhe dizer uma coisa, não pense você que aqueles alunos que estavam lá não mereciam fazer um segundo grau digno, porque esse conteúdo que vocês trabalham é muito fraco”... aí eu “escrotiei”. E as professoras foram me apoiando, dizendo assim:*

*“Verdade, Nete, professoras dos municípios de Acará, Tome-Açu que estavam lá”. Aí ela disse:*

*“Você é orientadora?”. Eu disse:*

*“Não sou nada, sou uma professora de interior, uma professorinha lá do interior, que não aceita, eu não aceito esse tipo de estudo, se você quiser me tirar me tire, pois não me interessa, os alunos ainda criticam que vinte pontos já estão passados. Que história é essa? Isso não é uma saliência, uma saliência que eu digo, uma ‘esculhambação’ no estudo.”*

*Aí, foram em cima, foram embaixo, até chegar na diretora e ela me chamou para conversar.*

*“Você é a professora Ionete, de Igarapé-Miri?”. Eu disse:*

*“Sou eu!”*

*“A senhora fez faculdade? (Querendo me humilhar). Tu estás me entendendo” (a senhora fez faculdade?). Eu disse:*

*“Não!”*

*“Como é que a senhora dá História lá na sua cidade, se a senhora não tem faculdade?”. E eu disse:*

*“Amor, tem muita gente que faz faculdade e não sabe nada”. Falei para ela: “existia lá em Igarapé-Miri um pessoal assim, com faculdade, com tudo, polivalente, curso de não sei o quê e não sabe dar uma aula digna”. “Eu vou lhe dizer uma coisa”, aí eu disse:*

*“Eu dou História e Estudos Paraenses até a oitava série, daí para a frente eu não sei nada, mas até a oitava série eu sei”. Ela disse:*

*“Por que você mexeu com todas as outras disciplinas?”. Eu respondi:*

*“Porque eu dava aula no ginásio, lá no ginásio que é o primeiro grau, dá isso, como é que eu vinha dar uma besteira dessas que vocês colocam o equivalente a duas séries em um ano, para passar vinte pontos, quem não passava?”*

*Gente, virou um “pedel”. Ela ouviu o que não queria, até as outras professoras do interior que também eram do movimento de professores me apoiaram. Ao final, ela voltou atrás:*

*“Pois, olha, eu vou lhe dizer uma coisa, professora Ionete, eu no princípio errei, mas a senhora me convenceu.”*

*Disse assim para mim:*

*“Pode continuar da sua maneira”. Eu disse:*

*“Paro o ano eu não quero mais.”*

*Tinham coisas que estavam ali para “encher” barriga de peixe para assar, que não tinha nenhuma finalidade, ensino fraco demais. Mas o que fez eu perceber tudo isso foi o curso que eu fiz na Universidade de Brasília, que me ensinou a resumir a ver o necessário de um estudo.*

*Em uma dessas lutas por aumento de salário, íamos brigando pela rua cantando, quando me jogaram uma água de pitiú de peixe, peguei um banho (risos). Essa luta era a briga com o governador da época, que ele não dava aumento de salário para os professores, foi uma grande luta... aí eu vinha com uma calça jeans lycra branca, cantando: - você aí parado também é explorado... foi quando eu senti um tomate podre no meu peito e peguei um banho de água podre de peixe. Nos chamaram de vagabundas, anarquistas... Eu ia para a casa da tia na Cidade Velha tomar banho para no outro dia irmos para a assembleia continuar a luta.*

Diante do exposto, no decorrer deste capítulo, pudemos conhecer melhor as travessias realizadas por Ionete Gama, desde a sua infância imersa na cultura amazônica até sua fase adulta como professora de diferentes disciplinas e níveis escolares. Todas essas travessias nos ajudam a compor sua trajetória de vida, constituída por fragmentos de memórias do processo de formação cultural e profissional da professora Ionete. Suas vivências com diferentes culturas e saberes da tradição, ligados ao imaginário histórico e cultural dos povos que habitam a Amazônia, contribuíram para a sua prática e pensamento inter-transdisciplinar, algo que pode ser comprovado pelos diferentes momentos narrados por ela própria no texto que se antecedeu. Frente a isso, podemos afirmar que sua trajetória artística e docente foi diretamente influenciada por essas vivências em sua trajetória de vida.

**Imagem 21** – Ionete criança



**Fonte:** Acervo pessoal (década de 1940).

**Imagem 22** – Professora Ionete com colegas de profissão e alunos



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 23** – Professora Ionete



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Imagem 24** – Professora Ionete e alunos da 3a. série do grupo escolar Manoel Antonio de Castro, em Igarapé-Miri, 1975.



**Fonte:** Autoria desconhecida, acervo de família.

Dom: 10/11/87

Querida Professora este bilhete  
é pra senhora.

Professora eu espero que você  
continue sempre sendo essa Profess.  
ora legal, amorosa, carinhosa,  
que você é.

É eu quero agradecer por  
essa grande força que você tem  
dado pra nós, quero também  
agradecer por essa paciência que  
você tem de nos ensinar e também  
pelo seu amor, pelo seu carinho,  
que você tem para conosco.

É espero que você continue  
sempre assim.

Eu desejo a você um  
Feliz Natal, e que o Ano Novo  
seja repleto de felicidades amor ca-  
rinho e compreensão porque você  
merece essas são os sinceros votos  
de sua aluna que te ama.

Assa coasa

Imagem 25b – Cartas de ex-alunos

Em 10/12/87.

Professora Jonete você é uma pessoa muito querida para mim, durante o ano eu gostei muito de ter estudado com você.

Você sempre foi uma pessoa maravilhosa, amiga com todos os que à rodeavam, continue sempre assim.

Desejo-lhe um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo.

De: uma aluna que elre admira muito.

Fonte: Acervo pessoal (1987).

**Imagem 26** – Professora Ionete com Iran Abreu Mendes e Carlos Aldemir Farias



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

# 2

## Pontes



*...O que você não vê na natureza, eu vejo. Você pisa, você passa por ela e para as pessoas que não entendem a importância da nossa cultura, parece que não é nada, não vê. Quando vejo as pessoas valorizarem as coisas feitas por grandes engenheiros eu acho bonito, mas aqui na Amazônia também temos coisas bonitas, vivemos em cima das coisas mais belas e a gente não valoriza. A nossa cultura é de igarapé; de água de rio; afluentes; braços de rios; Paranás; das lendas das nossas histórias; dos adágios... Muitos nem sabem o que é, ninguém entende! A beleza que eu vejo é muito diferente, a gente precisa aprender muito com o caboclo, com a natureza, com a Amazônia.*

*Assim como os engenheiros, dentro de uma instituição de ensino sistematizam seus saberes e elaboram suas escritas dando respostas para determinadas questões sociais ou até mesmo construindo coisas bonitas, o caboclo da Amazônia também sistematiza seus saberes, embora isso seja feito de uma maneira diferente, pois aí há uma compreensão diferente de interpretações de mundo. Os saberes vindos da mata e dos rios se perpetuam por meio das tradições orais e não são menos importantes do que os saberes científicos, pois também ensinam.*

Os dois fragmentos de fala da professora Ionete da Silveira Gama, que abrem este capítulo, reafirmam que, para ela, os *saberes da tradição* são tão importantes quanto os saberes científicos. Neste capítulo, denominado *Pontes*, iremos entender o processo de ligação que a professora realizava entre esses dois tipos de conhecimentos. A partir do seu olhar sobre o açai – uma palmeira abundante na região.

Conforme vimos no capítulo anterior – *Travessias* –, a professora, em cada ponte em que ela atracava seu barco sobre os rios da Amazônia, desde menina, acumulou em sua bagagem diferentes tipos de conhecimentos. Foi a partir do estreitamento e das vivências na Amazônia paraense, com o ensino escolar formal, que a professora passou a olhar o mundo a partir de uma perspectiva transdisciplinar, pois observava as várias faces a partir de um mesmo objeto ou tema, e isso passou a ser uma prática em tudo que fazia.

Desde criança, ela já apresentava como característica principal a curiosidade. Tomava a frente dos eventos que eram desenvolvidos na escola, recitava poesias, gostava de ler, tinha imaginação aguçada e um carinho especial por um método de ensino chamado *Lições de Coisas*. Ao que tudo indica, foram essas lições que lhe ensinaram a olhar os diferentes temas a partir de várias perspectivas, conforme podemos observar linhas adiante, a partir do tema açai. Quando adulta, já no processo de formação pedagógica, passou por vários cursos formativos, dentre eles o estudo dirigido.

Por um outro lado, ela recebia de seus familiares uma base lúdica, e junto com outras crianças, percorria um mundo de fantasias, entre espíões e zepelins. Quando se deslocava para

as áreas ribeirinhas com sua avó parteira, cresceu rodeada pelo imaginário mítico amazônico, cheio de novidades e de contato com a fauna e a flora, bem diferentes do que encontrava na cidade de Belém do Pará. Com o passar do tempo, também foi descobrindo junto com sua sogra o processo de curas, por meio das plantas medicinais. Também fazia suas pesquisas como professora do ensino fundamental, depois de voltar a exercer sua profissão.

Dentre as diversas pontes construídas pela professora, destacamos neste texto uma pesquisa realizada por ela sobre o açaí, a partir de suas vivências no interior de Igarapé-Miri, onde exerceu o encontro dos conhecimentos da tradição e dos conhecimentos científicos. Vejamos:

### **A lenda do açaí** (Esta lenda sofre modificações na sua narrativa de lugar para lugar)

Existia uma tribo que possuía uma linda índia, morena de olhos negros e cabelos encaracolados. Os indígenas dessa tribo estavam morrendo de fraqueza, pois se alimentavam apenas de caça. Então, o pajé pediu a Tupã que lhe mostrasse um alimento que desse força aos seus guerreiros e obteve resposta através de um sonho. Porém, para que isso viesse a acontecer, a tribo teria que sacrificar o que houvesse de mais diferente e bonito na tribo: a índia Íaça.

Após Íaça saber do sonho do pajé e de que ela teria sido a escolhida para o sacrifício em favor de sua tribo, com muito medo, saiu correndo mata adentro e, cansada, escorou-se em uma touceira de palmeiras nativas que nunca tinham dado frutos. Olhando para o céu, ela foi aos poucos fraquejando até a morte.

Alguns dias se passaram. O pajé encontrou o corpo de Íaça coberto por pequenas flores delicadas e, ao olhar para as palmeiras, viu que brotavam vários cachos que possuíam frutos pretinhos iguais aos olhos da índia mais linda de sua tribo. O pajé entendeu que seria o alimento prometido por Tupã. Durante o ritual do enterro, eles amassaram os frutos carnudos e beberam o vinho. Depois, caíram num sono profundo e, ao acordar, perceberam que estavam fortes, com ânimo para trabalhar. Deram o nome para o fruto de açaí. Por onde esses frutos vão caindo, vão nascendo lindas palmeiras de açaí, que servem de alimento para nosso povo.

### **Contam que...**

No dia 15 de agosto, dia de Santa Maria, Nossa Senhora chora sobre o cacho do açaí e envolve os frutos com suas lágrimas doces, tão doces, que as abelhas não se cansam de sugar o néctar.

No dia 16 de junho, dia de Nossa Senhora do Carmo, é costume pintar os caroços de açaí, deixando-os no parau.

Em 26 de julho, dia de Nossa Senhora Santana, os frutos ‘apretam’, mas somente no dia 24 de agosto, dia de São Bartolomeu, ‘apretam’ de vez, deixando o açaí com cor de vinho.

Sabemos que o açai está *paraoando* através de vários pássaros, com o suí, o japiim, o sabiá, o tucano, araçari e a iraúna que comem todo o açai que está ficando preto. Esses pássaros são reconhecidos como os maiores plantadores de açai de várzea.

### **Superstições**

Não pode deixar a criança brincar dentro de casa com o *curatá* do açai; pois, quando ele cai, apodrece embaixo da árvore e ninguém liga para ele.

Quando a folha da palmeira do açai amadurece e cai em cima da casa ou em cima de alguém da casa, os moradores nesse dia passam um dia de azar; se saírem para caçar, não pegam nada; se é pescador, não consegue pegar peixe, e assim por diante.

A peconha encontrada dentro de casa depois que foi usada para apanhar o açai dá azar.

Varrer a casa com vassoura de açai chama atraso de vida.

A palmeira do açai fica cansada quando o apanhador de açai usa a mesma peconha que apanhou açai branco para apanhar o açai preto.

A palmeira do açai fica cansada quando a amassadeira usa *chula* do açai branco para amassar o açai preto.

### **Simpatias**

Quando é feita a defumação com o caroço de açai seco, farinha, café e açúcar, ele traz fartura para a casa.

### **A palmeira do açai na habitação**

A palmeira do açai tem folhas grandes, compridas e recortadas em tiras, de cor verde-escura. Pode atingir até 2 metros de comprimento. Serve de esteio, de assoalho na construção de parede e na cobertura das casas.

### **Na alimentação**

O açai é bastante utilizado na alimentação dos habitantes da região amazônica. O fruto é utilizado como ingrediente na composição de diversos alimentos, conforme podemos visualizar no quadro a seguir.

**Quadro 1.** Açaí na alimentação humana

<b>Café</b>	Feito a partir do caroço do açaí torrado e moído, vira uma espécie de pó para fazer o café.
<b>Doces</b>	Geleia, brigadeiro, pudins, pirulitos, sorvetes, picolé, creme, etc.
<b>Licor</b>	Feito a partir do açaí branco e do açaí preto.
<b>Mingau</b>	Pode ser de <i>maçapão</i> , <i>crueira</i> , farinha d'água, arroz, banana, farinha de tapioca, farinha de milho, etc. Todos misturados com o vinho do açaí.
<b>Palmito</b>	Extraído do açazeiro, tornou-se produto de exportação, é uma parte muito saborosa; porém, tem causado muita polêmica por conta da devastação da palmeira para a retirada do palmito.
<b>Óleo</b>	Extraído do açaí tuíra. Se amassa o açaí e sua massa vai para o fogo, ferve-se. Depois de frio, se retira o óleo que está boiando. Pode-se também cozer a massa ainda com caroços.
<b>Vinho</b>	Feito do fruto do açaí, existe de vários sabores: preto, branco, parau, tinga e sovado.

**Fonte:** Ionete da Silveira Gama, entrevista 2020.

### **Perigos encontrados na palmeira do açaí**

Podemos encontrar na palmeira do açaí as formigas tucandeira e tracuá, duas espécies que causam febre quando ferram excessivamente as pessoas.

### **Na medicina**

A raiz bem nova da palmeira do açaí fervida em um litro de água serve para curar diarreia, inflamação intestinal, ducha vaginal para curar doenças de cogumelos.

As raízes maiores, quando tirado o sumo, servem para estancar o sangue de algum golpe.

O açaí azedo cura colesterol.

### **No artesanato**

Biojoias, acessórios decorativos, tinta para pintar tecidos e outros.

### **Repelentes e adubos**

A defumação do caroço de açaí seco espanta as mazelas e mucuins.

O caroço do açaí serve para adubo de plantas.

### **Crendices**

Na cultura popular, a peconha do açaí serve para o caçador que está perdido no mato se salvar, achando o caminho de casa. Ele tece duas peçonhas, uma ele coloca na cabeça e a outra ele joga para trás, corre e foge, conseguindo achar o caminho de volta para casa.

### **Você sabia que...**

A vassoura do açai tem como serventia na fabricação da farinha de tapioca. Coloca-se a tapioca no fogo e vai mexendo com a vassoura, para ir formando os baguinhos da farinha.

A palmeira do açai fica cansada quando uma touceira de açai preto é plantada a menos de um metro da touceira do açai branco.

O açai queima quando ele é colocado de molho para amolecer em água muito quente.

A cor do fruto da palmeira do açai cansado fica cinza, mesmo depois de amassado.

O vinho do açai fica roxo quando a amassadeira usa água de pote novo, alguidar novo ou ainda usa água purificada com pedra ume.

### **Instrumentos utilizados para apanhar açai**

O apanhador de açai usa para subir na árvore uma peconha feita com a própria folha da palmeira do açai; usa um facão que leva pendurado na cintura, para cortar o cacho de açai da árvore, e o paneiro para depois debulhar o fruto.

A amassadeira do açai usa os seguintes instrumentos para tirar o vinho do açai: o avental e um pano para cobrir os cabelos; alguidar para colocar o fruto de molho em água morna. Usa também o alguidar para amassar o açai e peneiras com diferentes tipos de tamanho de buracos para amassar e coar o açai amassado.

Por meio da pesquisa sobre o açai, a professora observou que existia um ritual para a retirada do fruto da palmeira e para a produção do vinho, envolvendo o apanhador e a amassadeira do açai. Sobre esse ritual, criou dança típica e escreveu letras de músicas para as danças. Os dançarinos se vestem de apanhadores de açai, com facão de madeira preso na cintura, uma peneira amarrada nas costas e uma peconha nas mãos. Já as dançarinas representam as amassadeiras do açai, com um avental, pano na cabeça e nas mãos uma peneira. Seguem as letras das músicas com base nas pesquisas realizadas pela professora Ionete.

## **No Balanço Peneiroê** (composição inédita)

É no balanço do peneiroê ou lê lê

É no balanço do peneroá ou lá lá

É no balanço da peneira

É no balanço do alguidar

Pega na peconha

Pega no terçado

Sobe agachado pro cacho tirar

Na beira do rio na beira do roçado

Balança o cacho para debulhar

Depois coloca de molho

Amassa no alguidar

Vai debulhando debulhando... o fruto do açáí

Vai amassando amassando... o fruto do açáí

Vai peneirando peneirando... o fruto do açáí.

Vai... peneirando peneirando... o fruto do açáí.

### **Festa no Açaizal** (composição inédita)

O açaí tá paraoando japiim foi avisar  
Tucano e arara suí  
Contaram pro sabiá  
Iraúna contou pro suruí  
Periquito pro papagaio  
Japiim fez a festa no açaizal

Palmeira nativa do fruto pretinho  
Gostoso é o vinho pra gente tomar  
Na raiz tem tucandeira  
No cacho tem tracuá  
Pega no remo e começa a remar

Peconha e terçado pro cacho tirar  
Tu remas na popa que eu remo na proa  
Debulha o açaí na canoa.



# 3

## Mergulhos

*As crianças precisam olhar mais para as estrelas,  
conversar com os animais, entender a floresta;  
precisam deixar a lua iluminar mais a sua imaginação.*

Ionete Gama



Neste capítulo, elaborei seis histórias a partir das letras de músicas da professora Ionete, de modo que os professores possam contá-las para as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os argumentos apresentados por Carlos Aldemir Farias (2006) sobre a importância das *histórias da tradição na escola*, auxiliam na compreensão que educar e ensinar por meio das histórias enraizadas nas culturas orais apresentam um sentimento de pertencimento e identidade, sobretudo em lugares onde as pessoas se pautam por princípios e valores ancestrais, repassados por meio da oralidade de geração a geração. São histórias que devem ser perpetuadas, para que não se percam. Daí a necessidade de serem reavivadas e contadas para as crianças, seja nas reuniões familiares, seja no ambiente escolar ou nas festividades promovidas pela comunidade. Para o autor,

As histórias são importantes porque ensinam; educam; ampliam o conhecimento; iluminam; provocam reflexões pessoais e coletivas; despertam sentimentos adormecidos; comovem; proporcionam momentos de ludicidade; alimentam a cognição, o espírito e alma; transmitem valores; recriam a memória; ativam a imaginação; aliviam as dores do coração, auxiliando na transformação pessoal e na cura dos ferimentos psíquicos; mantêm viva a tradição e expandem a linguagem, enriquecendo o vocabulário. Elas permitem, ainda, extrapolar os limites da compreensão lógica sobre o mundo, rompendo, assim, com o nosso modelo de educação escolar (FARIAS, 2006, p. 30).

Após as seis histórias, temos as letras das músicas que podem ser cantadas em sala de aula, de modo a sugerir que as crianças desenhem e criem outras histórias a partir delas. A seleção das músicas se justifica devido reunirem elementos da cultura, da fauna e da flora da região amazônica, ressaltados a partir das composições, com o objetivo de integrar saberes da disciplina de ciências, em especial os saberes repassados de geração a geração que guardam as tradições culturais amazônicas e que permitiram à professora Ionete criar suas composições.

Na sequência, apresentamos as seis histórias, intituladas: “Meus amigos botos”; “A festa no Ver-o-Peso”; “Dona Japiim e dona Iraúna”; “Seu Tralhoto e dona Pescada”; “O camarão aventureiro”; e “O mutirão da bicharada”. Ressalta-se que as ilustrações foram feitas por Larissa Cavalcante exclusivamente para este trabalho, com o propósito de avivar a mensagem que queremos comunicar para o leitor, auxiliando no entendimento da diversidade cultural e da biodiversidade da região amazônica. Vamos às histórias!



## *Meus amigos botos*

Essa viagem aconteceu lá por volta dos anos de 1950, minha avó e eu íamos visitar a tia Durcinda no rio das Flores, interior de Igarapé-Miri. Pegávamos o navio Coronel Sampaio e navegávamos durante umas nove horas. O barco saía de Belém, entrava pelo rio Guamá até chegar ao rio Maiauatá, onde descíamos e embarcávamos em um barco menor e navegávamos em direção ao rio das Flores, o rio dos meus encantos, onde fiz umas amizades especiais.

Dona Onete perdeu seus pais muito cedo, mas isso não a impediu de ter uma infância lúdica e feliz. Por ser uma menina muito curiosa e inteligente, protagonizava diversas travessuras por onde passava. Quando chegava na casa da sua tia, no rio das Flores, achava que o tempo demorava a passar, e foi explorando os espaços que o ambiente ribeirinho lhe proporcionava que ia ocupando seu tempo.

No terreiro, ficava observando as árvores de açai e os pássaros que se alimentavam dos frutos. Eram tucanos, sabiás, periquitos, papagaios... Todos faziam uma festa no açazal e lá estava ela, admirando o colorido das penas das aves em meio ao verde das folhas das palmeiras do açai.

Mas era do rio que vinha a preocupação da sua tia, pois a menina não sabia nadar. Porém, quando menos se esperava, lá estava ela, andando sobre os miritizeiros, tentando pegar algumas sementes e folhas que a maré levava. Na época, existiam uns navios chamados Marabaenses, barcos que faziam transportes de Belém para Marabá. Quando passava um pelo rio das Flores, provocava muito banzeiro. Ionete, na companhia de uma prima, pegava a canoa para ir se divertir no banzeiro que o barco deixava.

A menina Ionete gostava também de sentar-se na cabeceira da ponte para observar o movimento das águas. Ao olhar para dentro do rio, notou que não estava sozinha, estava na companhia de um boto, fato que não a assustou; ao contrário, era um novo amigo para conversar.

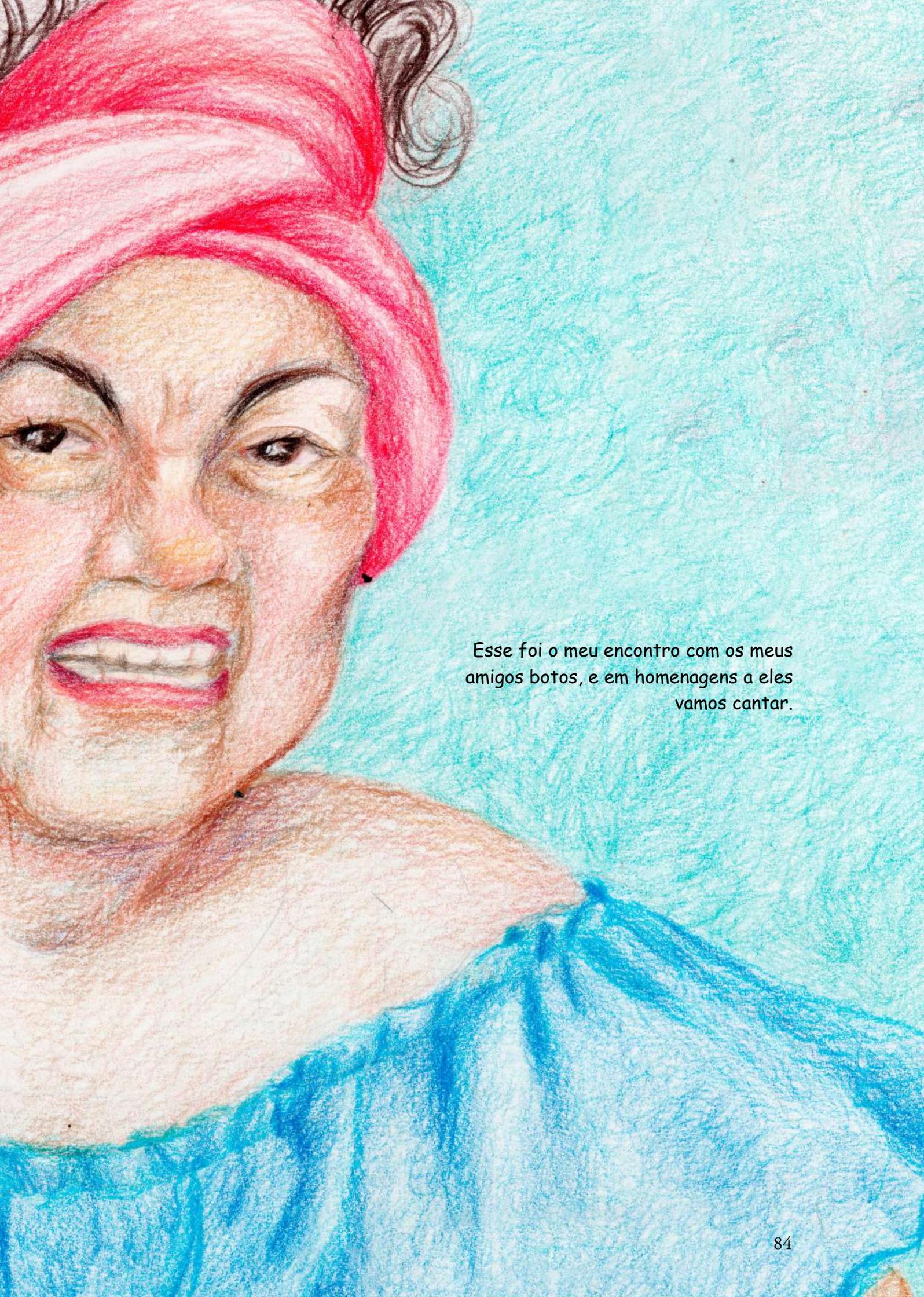
No dia seguinte, Ionete pegou um paneiro e foi para o terreiro. Com as flores das plantas da sua tia, enfeitou os seus

cabelos e colocou outras no paneiro junto com alguns frutos de jambu rosa que havia colhido das árvores. Correu sobre a ponte em direção ao rio para jogar os frutos para o seu amigo boto se alimentar. Para sua surpresa, não era somente um boto, havia mais... Eles bailavam nas águas do rio, se misturando com as flores e os frutos de jambu rosa jogados pela menina Ionete. Parecia que estavam gostando.

No dia seguinte e a cada dia que passava, a quantidade de botos aumentava, e o ritual de jogar flores e frutos se repetia, mas agora a menina Ionete, além de jogar flores e frutos, cantava músicas românticas para eles. Sentada na ponte com os pés submersos no rio, ela cantava músicas de Dalva de Oliveira, Herivelto Martins, Ângela Maria. Cantava lindamente, encantando os botos; batia com as mãos na água pedindo que o boto a namorasse, fazendo promessas de um reencontro futuro.

Depois de vários dias de encontro com os botos, a menina apresentou febre alta e fraqueza no corpo. Sua tia, na desconfiança de que teria sido mundiada, mandou chamar as melhores benzedadeiras próximas da sua casa, e elas atestaram: era mundiação de boto! Nos punhos da rede da menina colocaram penduradas folhas, ervas e dentes de alho para espantar o boto. Depois de muita reza e defumação, tudo voltou ao normal, a menina sarou.

O medo de que o boto se transformasse em homem fez com que sua tia tomasse a decisão de mandá-la de volta para Belém com sua avó, pois suas peripécias eram tantas que sua tia não conseguia dormir em paz, vigiando para que o boto não a levasse para o fundo do rio.



Esse foi o meu encontro com os meus  
amigos botos, e em homenagens a eles  
vamos cantar.

Letra da música

**Boto de Maiuatá**

(Dona Onete)

*Onde é que boto mora?  
Mora nos rios, mora no mar  
Onde é que boto mora?  
Mora nos rios, mora no mar  
Boto faz o seu bailado  
    nas águas de preamar  
Boto faz o seu bailado  
    nas águas de preamar  
Na hora da maresia, boto faz fuá, fuá  
Na hora da maresia, boto faz fuá, fuá  
Contam que moço bonito  
Saltava pra namorar  
Contam que moço bonito  
Saltava para dançar  
Todo vestido de branco  
Pra dançar com a cabocla Sinhá  
Todo vestido de branco  
Pra dançar com a cabocla Iáíá  
Todo vestido de branco  
Pra dançar com a cabocla Maria  
Foi lenda bonita  
    que alguém me contou  
Que o boto pintado é namorador  
Foi lenda bonita  
    que alguém me contou  
Que o boto pintado é namorador  
Que saltava para namorar  
Das águas do Maiuatá  
Saltava para dançar  
Das águas do Maiuatá  
Saltava pra namorar  
Das águas do Maiuatá*

*Pescador, pescador joga a rede  
Para borquear  
Pescador, pescador joga a rede  
Para borquear  
Nas águas do Anapu  
Nas águas do Pindobal  
Tem um boto dentro da rede  
Fazendo fuá, fuá  
Tem um boto cercando a gente  
Fazendo fuá, fuá  
Mas é boto namorador  
    das águas do Maiuatá  
Mas é boto namorador  
    das águas do Maiuatá  
Boto namorador  
    das águas do Maiuatá  
Mas é boto namorador  
    das águas do Maiuatá  
Onde é que boto mora?  
Mora nos rios, mora no mar  
Onde é que boto mora?  
Mora nos rios, mora no mar  
Boto faz o seu bailado  
    nas águas de preamar  
Boto faz o seu bailado  
    nas águas de preamar  
Na hora da maresia, boto faz fuá, fuá  
Mas é boto namorador das águas do  
Maiuatá*

*Mas é boto namorador  
das águas do Maiuatá...  
Esse boto namorador  
Saltava nas casas ribeirinhas  
que faziam festa  
Dançava a noite inteira  
e depois ia embora  
Deixando todas  
as mulheres apaixonadas  
Tem muito boto: Boto Tucuxi,  
Boto Cor-de-Rosa  
E o Boto Malhado,  
que é o namorador  
De lá do Maiuatá*

*Mas é boto namorador  
das águas do Maiuatá  
Mas é boto namorador  
das águas do Maiuatá  
Mas é boto namorador...  
O encanto do boto  
Tá lá nesses nossos rios e igarapés  
Do nosso Brasil  
Mas é boto namorador  
das águas do Maiuatá...*





## *A Festa no Ver-o-Peso*

Às margens da baía do Guajará fica localizada a feira do Ver-o-Peso, a maior feira ao ar livre da América Latina, fundada no ano de 1627, e no dia 27 de março comemoramos seu aniversário. O urubu malandro e a garça namoradeira não poderiam ficar de fora desse dia tão especial, aliás são eles os verdadeiros anfitriões dessa festa. O que será que esses dois estão aprontando para comemorar esse dia?

Dona Garça acordou cedo com o barulho da alvorada e foi toda eufórica ao encontro do urubu malandro.

É hoje! É hoje!  
O aniversário do Ver-o-Peso,  
tu já organizaste a festa?



Sim, minha branca,  
te acalma, tudo está  
organizado.



Calma! Disse o malandro  
urubu, mostrando o convite  
para a garça.

E os convites? Fizeste como  
eu te mandei?

## Convite

Malandro urubu e garça namoradeira têm a honra de convidá-los para a grande festa de comemoração do aniversário do Ver-o-Peso.

Aguardamos todos na pedra do peixe, bem no meio do pitiú, iniciaremos as comemorações após a feira da manhã, ao meio-dia, com comida à vontade, teremos: resto de peixes, de verduras, frutas e outras coisinhas a mais.

Contamos com sua presença e não esqueçam suas roupas de carimbó.

Obrigado!

Está perfeito! Já coloquei minha saia florida, minha flor no cabelo, meu colar e meus brincos de semente de açaí para dançar o carimbó.

Estou vendo que você está linda, minha branca, você está fitness, light, toda society.



Urubu, não vem com tua malandragem para o meu lado não, sei que estou bonita, mas o que importa é que estou feliz.

Ah! Por falar em felicidade... Estou indo lá nas erveiras.



Disse o urubu sorrindo para a garça, preciso comprar um perfume de patchouli, sou um urubu, me alimento de coisas podres, mas gosto de andar bem cheirosinho, até porque hoje é um dia muito especial.



Não demore, pois os convidados já estão quase chegando.

gritou a garça para o urubu que já estava longe sobrevoando a linda feira do Ver-o-Peso.



Meio-dia e os convidados chegaram pontualmente, foram direto para as comilanças. Dona Barata ficou roendo as folhinhas de cheiro verde; a formiguinha foi se lambuzar com um pedaço de jerimum docinho; dona mosca logo se apossou de um tomate vermelhinho e foi sugando aos poucos o sumo nutritivo; já seu rato não sabia nem o que comer, ficava beliscando todos os alimentos que via pelo caminho, mas se apegou mesmo foi no farelo farinha, comeu até ficar empachado. O urubu malandro e a garça namoradeira não ficaram sem comer, não! Bicaram uma carcaça de filhote, seu peixe preferido.

Venham todos! Disse o urubu.



Vamos tocar o carimbó, vamos comemorar o aniversário do Ver-o-Peso, o cartão postal de Belém. Minha branca quer dançar, quer desfilar na passarela do pitiú, quer sair bonita nas entrevistas e nas reportagens. A festa tem que continuar, vamos tocar o carimbó.

Dona mosca disse:  
- eu toco banjo!

A formiguinha:

Eu, as maracas.



O seu rato:

Posso tocar o curimbó?

Dona Barata:

- sim! Também toco o curimbó.



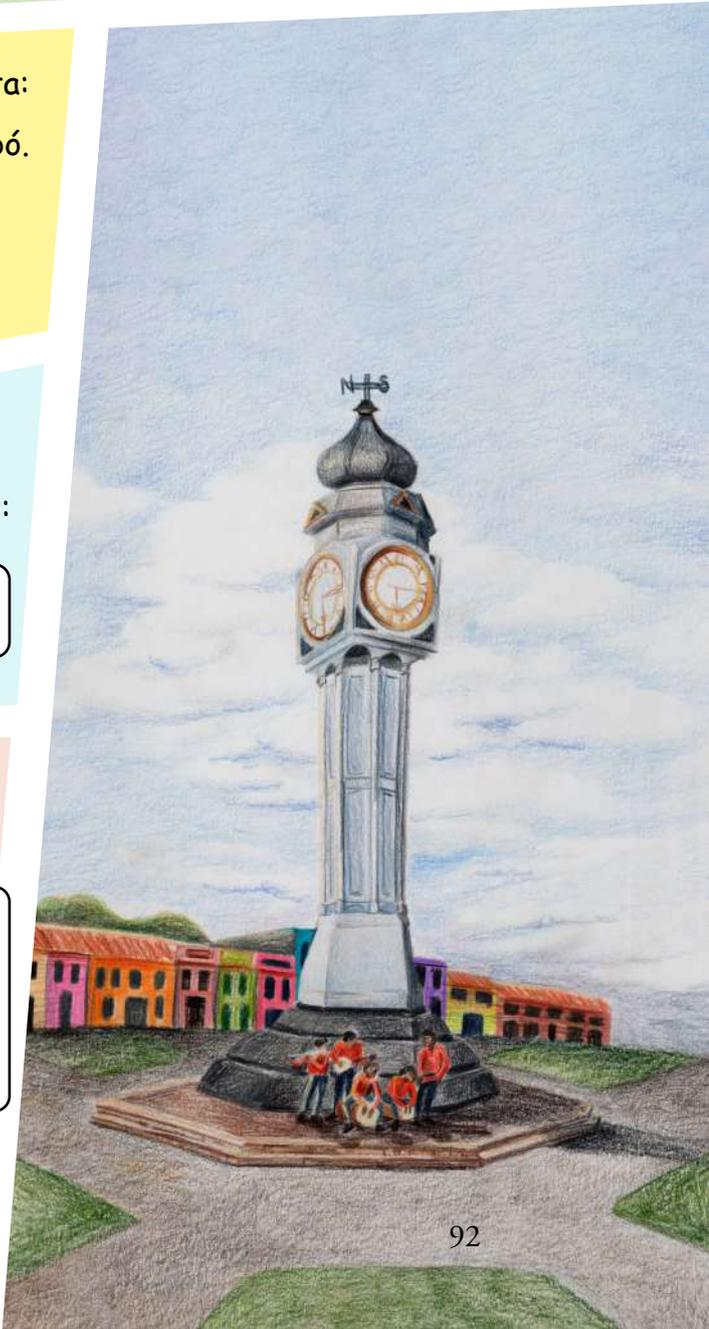
O urubu, todo animado, falou:

E eu canto e danço.



Dona Garça,  
toda sassariqueira, disse:

o quinteto está  
formado para  
tocar a festa  
inteirinha.



**Letra da música**  
**Festa no Ver-o-Peso** (inédita)

(Dona Onete)

*Gente que festa é essa?  
Onde vai acontecer?  
Diz que é lá no Ver-o-Peso  
E vai até o amanhecer*

*Urubu do Ver-o-Peso  
Fez uma grande festa  
Adivinha quem ele convidou  
Seu rato, dona barata  
Dona mosca, dona formiguinha  
Estava formado o quarteto  
Pra cantar a festa inteirinha*

*xem xem xem xem  
zum zum zum zum  
ti ti ti ti ti ti  
zi zi ziz ziz iz  
zon zom zom zom  
zem zem zem zem zem*

*A festa é no Ver-o-Peso  
Cartão postal de Belém*

*Começa ao meio-dia  
No meio do lixo e do pitú  
Faz festa do urubu  
xem xem xem xem  
zum zum zum zum  
ti ti ti ti ti ti  
zi zi ziz ziz iz  
zon zom zom zom  
zem zem zem zem zem  
A festa é no Ver-o-Peso  
Cartão postal de Belém*

*Urubu convidou a garça namoradeira  
Princesinha do mangal  
Princesinha do mangal  
Vem lá do Porto do Sal  
Mas ela é fit, ela é diet, ela light  
É society, desfila do pitiú*



## *Dona Japiim e Dona Iraúna*

Iraúna e japiim são espécies de pássaros que vivem na floresta amazônica e, em Belém, adoram ficar nos altos das mangueiras... As mangueiras são suas árvores preferidas para descansar. Porém, na hora de fazer os seus ninhos para chocar seus ovos, a Iraúna adora dar uma de esperta e colocar seus ovos para a Japiim chocar. Que danadinha, hein?!... Vamos ver como termina essa história?

Nossa! Que mangueira linda, frondosa de galhos fortes e cheios de folhas verdinhas, vou fazer meu ninho no galho mais alto para chocar meus ovinhos, aqui eles ficarão bem protegidos, disse a dona Japiim, diante de uma mangueira linda.

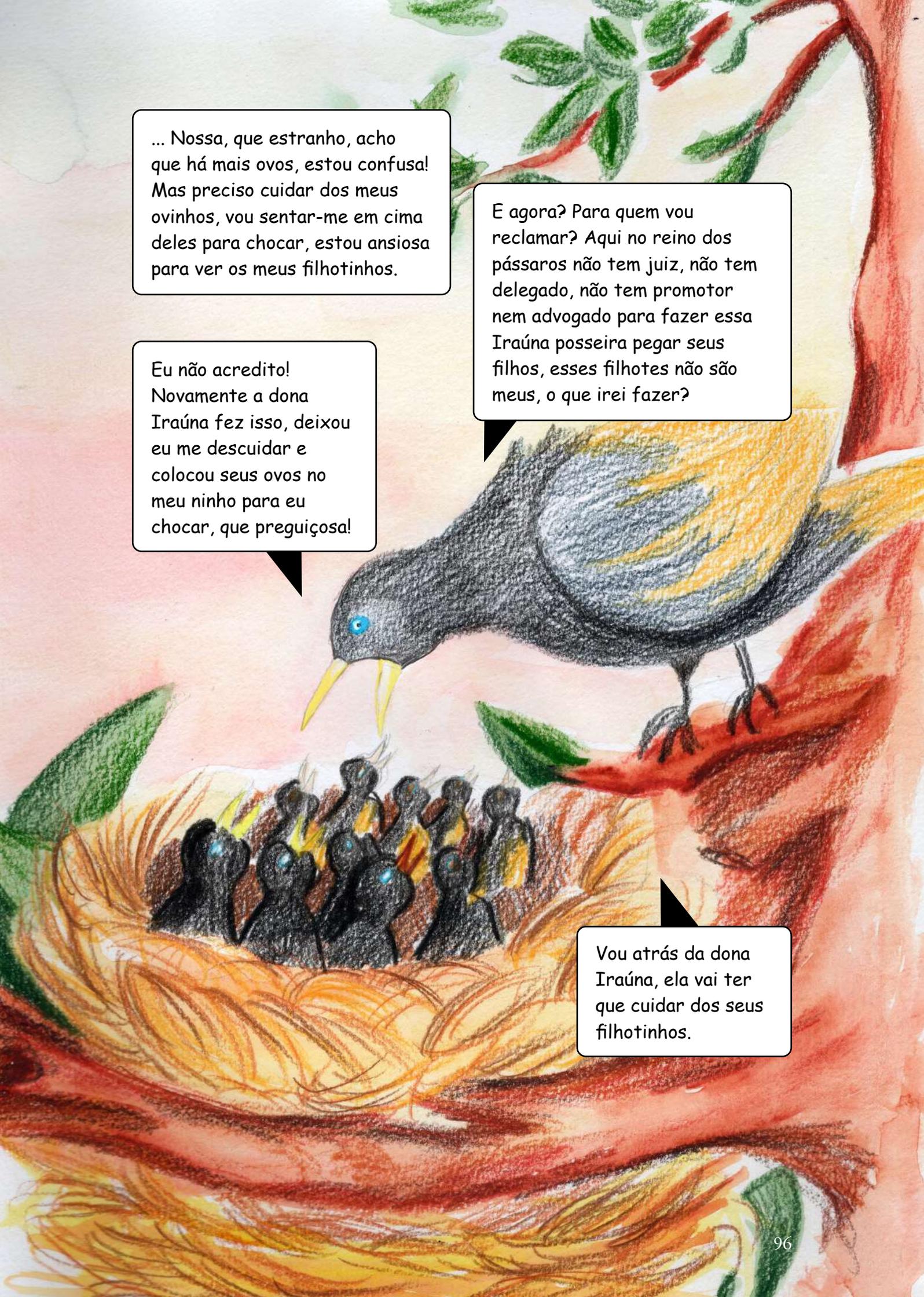
Vou caprichar bastante, quero um ninho bem bonito. Ah! Como estou feliz com a chegada dos meus filhotes.



Chegou o grande dia! Vou colocar meus ovinhos, disse d. Japiim



Que ninho lindo, dona Japiim caprichou. Ah! Vou deixar ela se distrair e, quando voar para longe, eu vou lá e boto meus ovos para ela chocar e depois... Ah, depois vou sair voando por aí de árvore em árvore, sem direção, disse a dona Iraúna, com muito desdenho.



... Nossa, que estranho, acho que há mais ovos, estou confusa! Mas preciso cuidar dos meus ovinhos, vou sentar-me em cima deles para chocar, estou ansiosa para ver os meus filhotinhos.

Eu não acredito! Novamente a dona Iraúna fez isso, deixou eu me descuidar e colocou seus ovos no meu ninho para eu chocar, que preguiçosa!

E agora? Para quem vou reclamar? Aqui no reino dos pássaros não tem juiz, não tem delegado, não tem promotor nem advogado para fazer essa Iraúna posseira pegar seus filhos, esses filhotes não são meus, o que irei fazer?

Vou atrás da dona Iraúna, ela vai ter que cuidar dos seus filhotinhos.



Então, a Japiim saiu voando por Belém, a fim de encontrar a Iraúna posseira. Foi perguntar para outros pássaros pelo paradeiro da dona Iraúna; sobrevoou outras mangueiras pelas ruas de Belém, mas nada encontrou. Parou no mangal das garças, mas lá nada sabiam; no bosque Rodrigues Alves, nem sinal; no museu Emilio Goeldi, nada de informações; no Porto do Sal, somente os rumores de que por ali rapidamente tinha passado.

Já cansada de tanto sobrevoar, e sem saber onde mais procurar, voltou para a mangueira, ficou olhando os filhotinhos e deixou o amor falar mais alto, bem mais alto que o seu ninho tecido lá no alto da mangueira, e disse para todos outros pássaros escutarem:

Muitos esperam que eu expulse os filhotinhos da dona Iraúna do meu ninho, mas não irei fazer isso, pois eles merecem receber o mesmo amor, ...

...irei criar todos com muito carinho e seremos muito felizes.



E tudo terminou bem, porque o amor é o que importa. Dona Japiim cuidou e alimentou todos os pássaros, ensinou a voar e ir atrás dos seus alimentos. Agora, para celebrar essa felicidade, vamos cantar.

**Letra da música**  
**Dona Japiim e dona Iraúna**  
(Dona Onete)

*Lá no alto das mangueiras  
Japiim faz o seu ninho  
Para proteger os filhotinhos  
De uma Iraúna danada  
Que deixa ela se descuidar  
Ela bota os seus ovinhos  
Para Japiim chocar  
Coitado da Japiim não tem pra quem reclamar  
No meio dos pássaros não tem  
Juiz, não tem delegado, não tem promotor  
Nem advogado  
Para tirar a Iraúna posseira do ninho  
do Japiim lá no ganho da mangueira.*

## Seu Tralhoto e dona Pescada

O Tralhoto era um peixe que vivia nas profundezas dos rios, lugar escuro e um pouco vazio. Não sentia muita alegria em morar nesse lugar, a única vantagem era que poderia nadar de um lado para outro sem medo de encontrar alguém que quisesse lhe capturar.

Por esse motivo, o seu Tralhoto alimentava um sonho, sonhava até mesmo acordado:

- Ah! Deve ser linda a vida fora do fundo do rio...

E por diversas vezes gritava, na esperança de ser escutado:

- Oiiiiiii! Algum peixe me escuta? Como é aí em cima do rio, é quente ou é frio? É escuro ou claro? Aí tem beleza? Me responda, por favor!

Ao contrário do seu Tralhoto, existia a dona Pescada, peixe que vivia mais próximo da superfície do rio, onde tinha oportunidade de enxergar as belezas desejadas pelo seu Tralhoto. Porém, ela não conseguia desfrutar o que estava ao seu redor, pois vivia nadando às pressas, fugindo com medo de seus predadores.

O desejo da dona Pescada era viver uma vida mais tranquila, sem correria. Cansada, passava o dia falando:

- Ah! Como deve ser mais tranquila a vida no fundo do rio.

Um certo dia, dona Pescada estava nadando e foi perseguida por um gavião faminto. Ela mergulhou no rio o mais profundo possível para se salvar, foi quando

conseguiu escutar a voz do seu Tralhoto a reclamar:

- Deve ser mais bonita a vida em cima do rio!

Dona Pescada, esperta, logo foi falando para o seu Tralhoto:

- Seu Tralhoto, em cima do rio é bonito demais, há sol, há lua, há estrelas... é uma maravilha.

- E a vida no fundo do rio, como é que é? Perguntou a dona Pescada.

- Vida tranquila, sem muitas novidades, respondeu seu Tralhoto.

Dona Pescada percebeu que seu Tralhoto ficou muito interessado em ver as maravilhas que ela disse que existia, e logo lhe propôs uma troca de lugar.

- Seu Tralhoto, você quer ver o céu e eu o fundo do rio, vamos trocar de lugar?

O Tralhoto, inocente, aceitou a proposta e tirou uma pedra de dentro da sua cabeça, o que lhe permitia ficar no fundo do rio, e a colocou dentro da cabeça da dona Pescada, que afundou e o seu Tralhoto, leve, boiou.

Com a troca de lugar, a Pescada até hoje vive com a pedra na sua cabeça, tranquila, nadando no fundo do rio.

Já o seu Tralhoto não se deu muito bem não. Quando foi olhar o céu, se assustou, mas o susto foi tão grande que com quatro olhos ficou, grandes e esbugalhados. Dizem que até hoje ele vive correndo dos gaviões e de pedra de baladeira.

**Letra da música**  
**Seu Tralhoto e dona Pescada** (inédita)

(Dona Onete)

*Tralhoto e dona pescada*  
*Quiseram se revezar*  
*Um queria ver o sol*  
*A outra o fundo do mar*

*Tralhoto a pedra trocou*  
*A pescada afundou*  
*O tralhoto boiou*

*Tralhoto se arrependeu*  
*Sua pedra foi buscar*  
*A Pescada não deu*  
*Não deu, não vou dar*  
*É muito mais tranquila*  
*A vida no fundo do mar*

*Tralhoto, muito assustado,*  
*Vive a correr pela beira*  
*Com medo do gavião*  
*Da pedra de baladeira*

*A pescada respondeu*  
*Antes ele do que eu*  
*Antes ele do que eu*

## O camarão aventureiro

Camarão da água doce decidiu se aventurar  
Estava cansado da mesmice do seu hábitat  
Por ter sete barbas, resolveu que iria conhecer o mar.

Para sua família foi logo contando vantagens  
Esse lugar é pequeno para um camarão aventureiro  
Já sei até onde fica amarrado o matapi do camaroeiro

Sua mãe, dona Camaroa ficou preocupada e disse:  
-Tens sete barbas, mas és um crustáceo pequeno  
Mar não é rio, lá é tudo diferente.

O pai do camarão aventureiro, já muito chateado, exclamou:  
- Deixa ele ir, tenho certeza que vai ser estropiado!  
Vai nadar, nadar e voltar desbarbeado.

Mas sete barbas estava decidido  
Fome não iria passar, era seu extinto  
Camarão come tudo que encontra pelo mar.

E o camarão aventureiro nadou em direção às águas do Marajó  
Esperou maré de lança, enfrentou grandes rebujos  
Até que conseguiu alcançar o mar, o seu desejado lugar.

Mas, chegando por lá nada foi muito tranquilo  
Era tanto camarão grande e outros tipos de animais marinhos  
Nadou sem direção e ficou perdido

Por sorte conseguiu se livrar de uma grande armadilha  
Era uma rede de pesca que quase o pegou  
Camarão escapou, mas estrupidado e desbarbeado ficou.

Camarão aventureiro se arrependeu  
E, depois de muito sacrifício,  
Conseguiu voltar para o seu lugar  
Aprendeu que camarão do rio não deve se aventurar no mar.

**Letra da música**  
**Camaroeiro**

(Dona Onete)

*Eeeee camaroeiro*  
*Tem camarão no cacuri*  
*Diz camaroeiro*  
*Onde amarra o matapi*

*É na raiz do juquiri*  
*No tronco da aningueira*  
*Na raiz do aturiá*  
*No tronco da seringueira*  
*Na raiz da canarana*  
*No tronco do açazeiro*  
*Na raiz do juquiri*  
*No tronco da sumaumeira*

*Maré encheu, maré vazou*  
*Vai gapuiar, vai lancear*  
*Camarão é sarara*  
*Lá na ribanceira*  
*Amarra o matapi na beira.*



## *O mutirão da bicharada*

Um belo dia, dona Capivara percebeu que sua farinha e outros alimentos que a mandioca fornecia haviam se esgotado.

Como sua mandioca vale ouro, ela precisava ser cultivada. Porém, o trabalho é árduo, e a especialista em farinha convidou a bicharada da floresta para o grande mutirão da farinhaada.

Ela, então, falou:



Venham! Venham todos! Vamos nos organizar pra fazer o mutirão da farinha, precisamos a raiz da mandioca plantar primeiro; em seguida arrancar; logo após colocar de molho no poço bem pertinho do igarapé, e daqui a quatro dias vamos trabalhar na casa da farinha.

Os animais, como a paca, o tatu, a cutia, a preguiça e o macaco se juntaram com a dona Capivara nessa tarefa maravilhosa, pois já sabiam que ela era habilidosa em realizar plantações.



Farinha! Farinha tem casa?

Perguntou logo o macaco, impaciente, pulando de galho em galho.



Não, macaco.

Respondeu a dona Capivara. Farinha não tem casa, a casa da farinha é o lugar onde acontece a transformação da raiz em alimentos vitaminados.

Assim passaram-se vários meses e, com a ajuda do sol e da chuva, surgiram pequenas mudas das plantas que se chamavam manivas e que logo depois viraram plantas robustas e cheias de vida. Era a natureza avisando que o momento da colheita estava chegando.

O dia da colheita enfim chegou, todos arrancaram as mandiocas que se formaram dentro do solo. Assim, colocaram dentro aturá, caminharam até o poço bem pertinho do igarapé onde iriam ficar limpinhas e molezinhas, e lá deixaram de molho cobrindo com a folha da sororoca.

Quatro dias se passaram, e a paca, impaciente, falou:

Farinha pouca, meu pirão primeiro! Quem quiser comer farinha está hora de trabalhar!

Vamos tirar a mandioca do poço e para a casa da farinha levar. Agora sim vamos aprender o que a raiz da mandioca nos fornece e como podemos fazer.



Nesse instante, a dona Capivara foi explicando passo a passo como era o procedimento na casa da farinha:

1. Ao sair do poço, a mandioca vai ser ralada ou peneirada em cima da masseira.

2. A massa ralada ou peneirada vai pra dentro do tipiti pra ser espremida, o caldo que sai da massa vai ser aparado em um alguidar.

3. A massa espremida no tipiti vai para dentro de um forno de ferro e barro bem quente para torrar e se transformar em farinha de mandioca; para não queimar a massa, é mexida no forno com o rodo.

4. Depois que a farinha torrada e quentinha estiver pronta, ela volta para a masseira, que deve ser coberta com folha de sororoca.



Então, bicharada, entenderam como se faz?

Se vocês entendem e querem aprender sobre a farinha, venham peneirar e encher o tipiti.



**Letra da música**  
**Mutirão da farinhada** (inérita)

(Dona Onete)

*Para minha farinhada,  
Gente, eu mandei buscar  
O tipiti o aturá a mandioca  
O ralo pra ralar  
Todo tucupi eu aparei no alguidar  
E a peneira para peneirar*

*A farinha, a farinha, a farinha  
A crueira, a crueira, a crueira  
O tucupi, o tucupi, o tucupi  
A crueira, a crueira, a crueira*

*O rodo pra mexer a massa  
O forno está bem quentinho  
Com brasa de pacapauá  
Mandei forrar a masseira com folha de sororoca  
Para guardar a farinha, a gostosa farinha  
Farinha de mandioca, para guarda a farinha  
Farinha gostosa, farinha, farinha de tapioca*

*Para minha farinhada, gente eu vou convidar  
Todas as pessoas presentes  
Para virem aqui dançar  
Alô Igarapé-Miri, venha encher o tipiti  
E se entender de farinha, venha peneirar aqui  
Venha peneirar aqui...*

Podemos observar nas histórias e letras de músicas que constituíram este capítulo, a presença marcante de diferentes saberes ligados à cultura, à história e ao imaginário amazônico. Essas composições, que deram vida às histórias elaboradas a partir das músicas, possuem em sua essência uma forma de ensinar e aprender, que se constitui pelas aprendizagens repassadas de uma geração mais antiga para uma geração mais atual.

### **Reclamações da Natureza**

A seguir, listamos dez composições musicais da professora Ionete da Silveira Gama (Dona Onete), que tratam de aspectos ligados à natureza amazônica, para que os professores possam trabalhar, livremente, com os alunos. Eles podem problematizar as questões ambientais a partir das composições e combinar com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

**A Natureza Reclama** (inédita)  
(Dona Onete)

A natureza reclama  
Esse povo não me ama  
Me polui  
Me desmata  
Enche os meus rios de garrafas e latas  
Aterram os meus mananciais  
Terminam com a fauna e a flora  
Eu, como natureza,  
Já não aguento mais

Com tantas barragens  
Com tanta mineração  
Com muitas estradas e tanta devastação

Veja o que aconteceu com Mariana  
A barragem se rompeu  
Um povoado pereceu  
Terminaram com uma história  
O que era doce, amargo ficou  
O povo todo chorou  
Os ribeirinhos não têm mais peixes pra comer  
Água doce pra beber  
E nem emprego para sobreviver

Vejam o Tapajós com tanta beleza  
O encontro das Águas  
Fenômeno da natureza  
Agora querem uma barragem fazer  
Mas não vamos deixar isso acontecer  
Com a nossa força  
Com a nossa voz  
Procurando proteção  
Não importa a religião

Eu sei que nós não estaremos aqui pra ver  
Quando não tiver mais água doce pra beber  
Nossas crianças irão chorar  
Inocentes vão dizer  
Não fizeram nada pela gente  
Mas a gente gritou  
Até se humilhou  
Mas não escutaram a nossa voz

**Carimbó de versos e rodas** (iné dita)  
(Dona Onete)

Eu venho do lago do Arari  
Descendo o rio Anajás  
Fazendas de campos verdes  
Carne seca nos varais  
Mururé descendo o rio  
Acompanhado o balseiro  
Gado atolado na beira  
Se afogando com o banzeiro

Houve um batuque forte  
Uma bela cantoria  
Era o carimbó de versos e rodas  
Que há tanto tempo eu não via  
Era o carimbó  
Era o carimbó  
Carimbó de versos e rodas  
Dos campos do Marajó

Aracú fazendo a festa  
Com as frutas do uxi  
Aruaná, apaiari também  
estavam por ali.  
Garças brancas nas beiradas  
No barranco as cueieiras  
Ciganas voando assanhadas  
nas folhas dos aningais  
Pra completar a beleza,  
revoadas de guarás

Era o carimbó, era o carimbó  
Carimbó de versos e rodas  
Dos campos do Marajó  
Amarrei a canoa na beira  
Atraquei bem no mará  
Uma cabocla faceira  
me tirou pra dançar  
Foi dizendo abra a roda  
Que a gente vai enversar  
Meu coração é bandoleiro  
Vaqueiro, pescador,  
caçador na rasteira, só ligeiro  
Violeiro cantador  
Na proa do barco barqueiro  
Chuva e sol a gente encara  
Sou cabocla marajoara  
Sou *cowboy* marajoara

**Cheiro caboclo** (inérita)  
(Dona Onete)

O nosso banho de cheiro  
Vem lá do rio Curuperé  
Se toma de madrugada  
Na beira do igarapé

Mas é tradição  
Mas é tradição  
Mas é tradição  
Mas é tradição  
Se toma banho de cheiro  
Na noite de São João

Cheiro caboclo minha terra dá  
Banho de cheiro pra você se perfumar

Com muito amor chegamos aqui  
Trazendo banho de cheiro  
Lá de Igarapé-Miri

Banho de cheiro é gostoso  
Perfumado nos cabelos da morena  
Com o cheiro do Pará

Tem alecrim, *patchouli*, pau de angola  
Manjerição, pataqueira e curimbó  
Orisa, cravo, machão da angola.  
É o raiz do Pará

**Curió cantador** (iné dita)

(Dona Onete)

Meu curió cantador  
Cantava na minha janela  
Pra uma curiola bonita  
Fazia alvorada pra ela  
Mas um dia da gaiola  
A curiola se soltou

Voou, voou, voou, voou  
Foi pra longe no horizonte. Voou,. voou  
Foi viver em liberdade Voou, voou  
Será que ela sentiu saudade  
Do meu curió cantador?

Meu curió cantador de repente emudeceu  
Definhando de saudade, mas ele sobreviveu  
Eu soltei meu curió, ele me agradeceu  
Cantou, cantou, cantou, cantou

Foi pra longe no horizonte  
Cantou, cantou, cantou, cantou  
Foi viver em liberdade  
Cantou, cantou, cantou, cantou  
Foi buscar seu amor  
Cantou, cantou, cantou, cantou

Estou morrendo de saudades  
Do meu curió cantador

**Lamento nativo (inédita)**  
(Dona Onete)

Amazônia, a hileia brasileira  
Foi desbravada pelas  
Entradas e bandeiras,  
Pelos índios camutás,  
milícias da época  
E Pedro Teixeira.  
Mitos e lendas  
Integram o homem à natureza  
Os rios e paranás completam  
a beleza

Cararaô, Cararaô, Cararaô  
É o grito de guerra  
Pela defesa da terra  
Floresta fauna e flora  
Dos índios lá do rio Xingu  
  
O caboclo só quer  
Água doce pra beber  
Floresta verde pra fauna sobreviver  
Nas águas dos rios  
Os peixes livres nadarem  
Um pedaço de terra  
Pra plantar e pra morar  
A natureza é vida  
precisamos preservar

A nossa realidade  
Foi muito além das fronteiras  
O nosso eco quebrou  
todas as barreiras  
Devemos estar solidários  
Em busca de solução  
Contra a devastação  
Contra a poluição  
Da Amazônia brasileira  
Pela defesa da vida  
Vamos unir as bandeiras.  
  
O caboclo não faz grande queimada  
Não planta capim  
Não cria boiada  
Não explora madeira  
Para exportação  
Não faz garimpagem  
Não faz poluição  
Só quer justiça e amor  
Paz pra sobreviver  
A natureza precisa  
de alguém pra lhe defender  
Está contando comigo e também  
com você.

**Mareia, mareia** (iné dita)

(Dona Onete)

A lua clareia a noite  
O sol ilumina o dia  
A chuva molha a terra seca  
E o vento faz a maresia.

Mareia, mareia, vai marear  
Na travessia pro cafezal

Mas toca raiz, toca, toca  
Pro vovô e pra vovó dançarem  
Vai ter carimbó na roça  
Na vila de cafezal

Me dá um pouco de farinha  
Pra fazer o meu xibé  
Um beijo de tapioca  
Pra tomar o meu café

**Maré de Piracema** (iné dita)  
(Dona Onete)

Na maré de piracema  
Pescador vai pescar  
Só peixe pra comer  
Não pode vender  
É preciso preservar

Tem piracema de bagre  
Tem piracema de gó  
Piracema de dourada  
Piracema de bodó

Põe farinha nesse caldo  
Que eu vou cantar meu carimbó  
Meu carimbó vou cantar  
Sou raiz do Pará  
Mas o meu carimbó vou cantar  
Sou raiz do Pará

Peixe sobe rio acima  
Vai até as cabeceiras  
No período de defeso  
Desova na ribanceira  
Peixinhos que a maré leva  
Peixinhos que a maré traz  
Se não pegar peixe miúdo  
Para o ano vai ter muito mais

## **Veneno de cobra**

gravada – álbum: “Cheia de graça”, de Emília Monteiro  
Ano de lançamento: 2013 registro: T0403332342

Três cobras venenosas saíram pra passear  
Pelo meio do caminho começaram a prosear  
Três cobras venenosas saíram pra passear  
Pelo meio do caminho começaram a prosear

Veneno de cobra tem remédio sim  
Quem já foi mordido contou pra mim  
Pra veneno de cobra tem remédio sim  
Quem já foi mordido contou pra mim

Surucucu disse: Eu mordo quem me pisar  
Jararaca disse: Eu quem no meu caminho se atravessar  
A Cascavel disse: Eu mordo e só faço arredar  
Todos aqueles que eu mordi não viveram pra contar

Pra veneno de cobra tem remédio sim  
Quem já foi mordido contou pra mim  
Pra veneno de cobra tem remédio sim  
Quem já foi mordido contou pra mim

Tem olho de cobra sim, tem olho de cobra sim  
tem olho de cobra sim  
Quem já foi mordido contou pra mim

**Vila de Pescador** (iné dita)

(Dona Onete)

Peixe cozido é gostoso  
Na vila de pescador  
Que joga a tarrafa no rio  
Que joga a rede no mar  
Meia maré vazante  
Tem camboa e cacurí  
Pra despescar

Peixe de cacurí  
Tarrafa rede ou camboa  
Pra fazer o meu pirão gostoso  
Tem que ter farinha boa  
Daquela torrada gostosa  
Que a cabocla traz na canoa

Peixe de interior não  
Precisa de muito tempero  
Basta sal e limão  
Chicória, alfavaca  
E pimenta de cheiro.

## **Maré de Soatá**

Gravada no álbum: Carimbó Sancari - A força do tambor  
Ano de lançamento: 2015 registro: T0403331032

Catador de caranguejo  
Eu quero saber, venha me contar  
Qual é a fase da lua que da maré de Soatá.

Eu quero saber catador  
Venha me contar  
Qual a fase da lua  
Que da maré de Soatá

Na lua nova lua, minguante  
Quarto crescente ou lua cheia  
Dá uma louca no caranguejo  
No mangal ele passeia  
Sai do buraco e não sabe voltar  
Fica mais fácil pra gente pegar

No mangal a dona carangueja condessa  
Protege seus caranguejinhos  
Pra todo ano ter caranguejo pra gente comer  
Pra todo ano ter caranguejo pra gente comer

## Considerações Finais



Ao chegar ao final desta escrita, leio e releio o texto produzido sobre a professora Ionete da Silveira Gama, querendo livrar-me da dúvida de que nada foi esquecido. Volto a observar os documentos que encontrei na mala e, por um instante, sou tomada por um sentimento de gratidão. Que sorte tenho de ser neta da professora Ionete, de escutar suas narrativas e ser moldada por elas! A busca pelos fragmentos de sua memória infantil e também de professora me levou ao encontro de minha própria história e me permitiu viajar e mergulhar mais profundamente no imaginário amazônico.

Essa experiência acadêmica de pesquisa no mestrado oportunizou constatar que, quando ela exerceu a docência, se destacou por meio de suas composições musicais oriundas de sua vivência e pesquisas sobre as tradições amazônicas, pois trabalhava conceitos da cultura local onde os alunos estavam inseridos. Sua trajetória docente sempre se pautou por uma *pedagogia da diversidade cultural*, expressão utilizada por Carlos Aldemir Farias nos trabalhos orientados no GPSEM, que abrangeu os saberes amazônicos, de modo a contemplar a realidade socio-cultural dos seus alunos, ampliando a compreensão de que o uso das suas composições em sala de aula é importante para promover a diversidade cultural na educação. Apoiada nessa constatação, afirmamos que as letras das músicas da professora Ionete podem ser usadas como estratégia de aprendizado para ensinar conteúdos de diferentes disciplinas, a partir de uma perspectiva transdisciplinar.

Navegando pelos rios, entre banzeiros e remansos, nossa professora-artista realizou suas travessias e pontes, acreditando que suas metodologias de trabalho docente iriam contribuir para a educação. Com 83 anos de idade, a professora aposentada do exercício do magistério, mas não dos pensamentos e ideias, nos escreve uma carta às futuras gerações de professores e alunos:

Belém, 24 de fevereiro de 2023

Somente um mergulho não é suficiente para conhecer um rio, ainda há várias histórias, vários rios para serem mergulhados, há muitas coisas sobre a minha vida que precisam ser escritas, ser professor não é fácil. Há fatos que não vale mencionar. Quando uma professora se dispõe a fazer o diferente, a quebrar regras é criticada, o fato de ser querida pelos meus alunos, eles sempre queriam estudar comigo, porque minha aula era diferenciada e isso causava muitos reboliços pelas escolas onde eu passava.

É que aconteceu que sempre me dediquei a minha profissão, eu viajava muito por conta dos movimentos da CUT, e nessas viagens eu participava de cursos formativos que me davam suporte para realizar aulas recreadas, desde criança eu já trazia comigo um saber sobre a Amazônia e isso me deu condições de criar aulas diferenciadas. Entrava em sala de aula e perguntava sobre a vida dos alunos e logo eles respondiam e perguntavam sobre vários assuntos, penso que o aluno tem muito a encimar, precisamos apenas estimular e trabalhar a sua curiosidade

Precisamos entender que devemos trabalhar com a realidade do aluno, não gostava de buscar longe coisas ou assuntos que estavam longe sua realidade; e o que estava perto de nós era os rios, os pássaros, as lendas os contos.

Um dia me perguntaram porque eu escolhi ser professora, logo lembrei da minha infância, eu era uma criança que sempre queria saber de tudo queria estar sempre antenada, gostava de ler escrever, ai fiquei pensando que a escolha da profissão de professora deveria ser pelo fato da minha voz ser escutado, pela manhã, a tarde e a noite. Depois que me apresentei não me calei e continuei a cantar.

Como Professora das  
antigas, do tempo do giz na lousa  
e do mimeógrafo quero dizer  
que aproveitem bastante essa  
fase digital e amem muito  
seus alunos, por-que um dia  
vai bater a saudade.

Obrigos Professora  
- Genete da Silveira Gama



# Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2017.
- BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br\\_versaofinal](http://basenacionalcomum.mec.gov.br_versaofinal)>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- CALKINS, Norman. **Primeiras Lições de Coisas: Manual de ensino elementar para uso dos pais e professores**. Tradução Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia: concepção, memória e imaginação**. São Paulo: Ática, 2003.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Transdisciplinaridade e a proposta de uma nova universidade. **REMATEC**, [S. l.], v. 17, n. 40, p. 01–19, 2022. Disponível em: <<https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/2>>. Acesso em: 8 jun. 2022.
- FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma: histórias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- FARIAS, Carlos Aldemir. **Reviver: memórias de Maria do Rosário Farias**. São Paulo: Ed. Livraria da Física; Natal: Flecha do Tempo, 2013.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. 3. ed. Tradução Thiago de Abreu e Lima Florencio. Revisão técnica de Bruno César Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió: EDUFAL, 2013.
- LOBATO, Cesarina Corrêa; SOARES, Crisálida Pantoja. **Prismas sobre Educação e Cultura em Igarapé-Miri no século XX**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2001.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001.
- MELO, Déa Santos. **Comunic-Ação Criativa**: Narrativa, vivência e imagem com danças circulares e tradições dos povos da Amazônia em diálogos. Belém: Ed. Da Autora, 2015.
- MENDES, Raimundo Rabelo. **Viajante das águas, imaginário amazônico**. Organização, prefácio, notas técnicas e glossário de Carlos Aldemir Farias. Natal: Flecha do Tempo, 2008 (Coleção Metamorfose).
- MORAES, Patrích Depailler Ferreira. **O Feitiço Caboclo de Dona Onete**: um olhar etnomusicológico sobre a trajetória do Carimbó Chamegado, de Igarapé-Miri a Belém. 2014. 125f. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Pará. Belém, 2014.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): Construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003, p. 156-168.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.
- OCUPAÇÃO Dona Onete. Organização Itaú Cultural; ilustrações de Flavia Ocaranza; Gustavo Inafuku/Girafa Não Fala. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2023.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ONETE, Dona. **A festa no Ver-o-Peso**: contos de Dona Onete. História escrita e adaptada por Josivana de Castro Rodrigues. Ilustração Volney Nazareno. Belém: Secult Pará, 2022.
- ONETE, Dona. **Dona Japiim e Dona Iraúna**: contos de Dona Onete. História escrita e adaptada por Josivana de Castro Rodrigues. Ilustração Ricardo Ono. Belém: Secult Pará, 2022.
- ONETE, Dona. **Meus amigos botos**: contos de Dona Onete. História escrita e adaptada por Josivana de Castro Rodrigues. Ilustração Mandy Barros. Belém: Secult Pará, 2022.
- SANTOS, Antônio Maria de Souza; RODRIGUES, Josivana de Castro. **A menina Onete**: travessias e travessuras. Belém: Carpe Diem, 2013.
- SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. revisada e atualizada. Florianópolis: UFSC, 2005.
- XAVIER, Maria de Lourdes. **Narrativas de um tempo, escrituras da alma**. 2. ed. Organização Maria da Conceição de Almeida e Carlos Aldemir Farias. Natal: Flecha do Tempo, 2010. (Coleção Metamorfose).

# Fontes Orais

Ionete da Silveira Gama, 80 anos. Primeira Entrevista concedida a Josivana de Castro Rodrigues, realizada na sua residência no Bairro da Pedreira, Belém do Pará, durante os meses de abril, maio e junho de 2020.

Ionete da Silveira Gama, 81 anos. Segunda entrevista concedida a Josivana de Castro Rodrigues e Carlos Aldemir Farias (participação de Iran Abreu Mendes), realizada na residência do professor Carlos Aldemir Farias, Belém do Pará. Novembro de 2020.

## COMPOSIÇÕES MUSICAIS

A IRAÚNA E O JAPIIM (inérita)

BALANÇO DO AÇAÍ - gravada – álbum: Rebujo / data de lançamento: 2019 registro: T0405311901

BANGUE DO RIO DAS FLORES (inérita)

BOTO NAMORADOR – Gravada- Sony Music, data de lançamento: 2017 Registro: T0401639006

CAMAROEIRO (inérita)

FESTA NO AÇAIZAL (inérita)

FESTA NO VER-O-PESO (inérita)

MARÉ DE SOATÁ - gravada – álbum: Carimbó Sancari- A força do tambor / data de lançamento: 2015 registro: T0403331032

MUTIRÃO DA FARINHADA (inérita)

NO BALANÇO PENEIROÊ (inérita)

NOSSO IGARAPÉ-MIRI (inérita)

TRALHOTO E DONA PESCADA (inérita)

# Apêndices

## APÊNDICE 1

### GLOSSÁRIO

#### A

**Açaizal** - Terreno preparado somente para a plantação do açaí sem a presença de outras espécies de árvores.

**Açaí azedo** - Açaí que foi fermentado por falta de conservação adequada.

**Açaí tinga** - É o açaí com coloração verde, popularmente conhecido como açaí branco.

**Açaí sovado** - Açaí amassado para tirar somente a tinta.

**Alguidar** - Bacia de barro usada para amassar o açaí.

**Amassadeira** - Senhora que amassa o açaí manualmente para tirar o seu sumo.

**Andorinha** - Tipo de lenha usada para fazer fogo, pois conserva a brasa acesa por muito tempo.

**Anapu** - Rio pertencente ao interior de Igarapé-Miri.

**Aturá** - Paneiro usado nas costas para levar a mandioca depois de colhida.

**Apanhador** - Pessoa que sobe na árvore para colher o açaí, conhecido também como peconheiro.

**Azeite de andiroba** - Óleo extraído da semente da andiroba, muito usado para fins medicinais.

#### B

**Batelão** - Barco usado para transportar cana-de-açúcar.

**Banzeiro** - Movimento deixado na água pelos barcos ou pela própria natureza.

**Boa Esperança** - Bairro do município de Igarapé-Miri.

**Braços de miriti** - Parte da palmeira do miritizeiro, muito utilizado em construções de casas ribeirinhas e artesanato.

**Braços de jupati** - Parte da palmeira do jupati.

**Borquear** - É quando os pescadores usam redes de pescar para bloquear a passagem dos peixes.

#### C

**Candeia** - Utensílio feito de barro com um murrão de algodão enrolado e mergulhado no óleo de andiroba.

**Cansado** - Diz-se da palmeira do açaí quando se torna infrutífera.

**Casco** - Pequeno barco de madeira movido a remo.

**Cataniandeuá** - Rio pertencente ao município de Igarapé-Miri.

**Canteiro** - Pequena porção de terra reservada para a plantação.

**Camaroeiro** - É o pescador de camarão que usa rede de lançar.

**Cipó titica** - É uma raiz aérea com várias utilidades.

**Cidade Velha** - Primeiro bairro da cidade de Belém.

**Chula** - É a terceira água do açai, temos o sumo do açai grosso, médio e o chula.

**Cuia pitinga** - É a cuia natural raspada sem passar pelo processo de tingimento.

**Curatá** - Parte da planta que cobre o cacho do açai.

**Crueira** - É o final do processo em que a mandioca, que foi ralada ou amassada, para ser comestível precisa ficar secando no sol por vários dias, pois é venenosa.

## D

**Debulhar** - Tirar os frutos do açai dos cachos.

## E

**Erveiras** - Mulheres que plantam, colhem, vendem e têm o conhecimento sobre as funções das ervas.

## F

**Forquilha** - Parte da árvore em forma de v retirada para sustentar panelas ou outros objetos.

**Fumeiro** - Local em cima do fogão à lenha onde se coloca um cesto com alimentos para conservar ou defumar.

## G

**Gamela** - Bacia feita de madeira e calafateada, usada para lavar roupa, guardar água ou colocar comida.

**Gapuiar** - Tirar camarão ou peixe dos poços que se formam na beira do rio, depois que a maré seca.

## H

**Humaitá** - Rua do bairro da Pedreira, no município de Belém do Pará.

## I

**Icatu** - Vila pertencente ao município de Igarapé-Miri.

**Igarapezinho** - Rio pertencente ao município de Igarapé-Miri.

**Igaçaba** - Pote de barro grande usado para guardar leite ou água.

## J

**Juarimbu** - Rio pertencente ao município de Igarapé-Miri.

## L

**Lancear** - Pegar o camarão com rede tecida com linha fina.

**Lamparina** - Um tipo de luminária feita de lata movida a querosene.

## M

**Mamangal** - Interior do município de Igarapé-Miri.

**Marau** - Vara enfiada ao lado do miritizeiro para atracar a canoa.

**Maromba** - É um tipo de jirau feito de troncos de miritizeiros, usado para transportar bichos e plantas quando for maré alta.

**Maré de lanço** - É um fenômeno da natureza em que os rios atingem um nível elevado.

**Maiauatá** - Vila pertencente ao município de Igarapé-Miri.

**Maqueira** - Rede de descanso tecida de fibra de miriti.

**Matapi** - Armadilha para pegar camarão, tecido de tala de miritizeiro ou de jupati.

**Miritizeiro** - Palmeira de troncos largos com várias finalidades para ao povo ribeirinho.

**Miritizal** - Terreno preparado somente para a plantação da palmeira do miriti.

**Moju** – Município do estado do Pará.

**Mucajateua** – Igarapé pertencente ao município de Igarapé-Miri.

**Masseira** – Bancada suspensa que serve de suporte para ralar ou amassar a mandioca.

**Maçapão** – Também conhecida como fruta-pão, utilizada para fins culinários.

**Mundiada** - Dominada por uma força maior ou desconhecida.

## P

**Parau** - Açai não maduro suficiente para sua colheita, mas quando tirado o seu sumo fica com cor esverdeada.

**Paraoando** - Diz-se do cacho do açai quando está amadurecendo para a colheita.

**Patchouli** - Raiz cheirosa.

**Paxiúba** - É uma palmeira que nos fornecem uma madeira muito forte.

**Proa** - É a parte de trás do barco.

**Popa** - É a parte da frente do barco.

**Panacauéra** - Rio pertencente ao município de Igarapé-Miri.

**Paneiro** - Utensílio feito de tala de miritizeiro, usado para guardar alimentos.

**Pari** - Armadilha de tapagem de rio ou igarapé, tecida com tala de jupati e cipó titica, usada para pegar peixe e camarão.

**Pacapeuá** - Árvore de madeira forte muito utilizada em construções.

**Palha de buçu** - São folhas das palmeiras do buçu seca, usada para cobrir casas.

**Palha de miritizeiro** - É a folha do miritizeiro seca.

**Peneira** - Utensílio tecido de tala de buriti, o jupati, utilizado para amassar açai e mandioca que foi colocada de molho na água no poço.

**Peconha** - É um trançado de folhas da palmeira do açai, que auxilia na subida da árvore para colher o cacho do açai.

**Patrona** - Bolsa utilizada para guardar munição.

**Pilão** - É um utensílio feito com o tronco da árvore cavado, onde se colocam os alimentos para socar.

**Piraqueira** – Armadilha para caçar à noite.

**Pote** - Instrumento feito de barro para conservar a água de beber.

**Pucuru** - Vasilha feita de barro, estilo bule, usado para guardar café ou chá para mulher parida.

## Q

**Quariquara** - Madeira muito utilizada para fazer caibros, utilizados na cobertura dos telhados de casas.

## R

**Rebujo** - É o movimento que acontece no fundo do rio fazendo vir à superfície tudo o que está no fundo.

**Remanso** - Percurso de água tranquila.

**Regatão** - Barco que comercializa produtos para a venda, um tipo de supermercado ambulante.

## S

**Sororoca** - Folhas utilizadas para cobrir a farinha depois de torrada.

## T

**Tabatinga** - Argila tirada do fundo do rio.

**Tapagem** - Tipo de armadilha que tapa o igarapé ou o rio para pegar peixe e camarão.

**Tapioquinha** - Comida feita da goma da tapioca.

**Tendal** - Local usado para se estender e secar ao sol a carne, o camarão e o peixe.

**Tipiti** - Instrumento tecido da tala da palmeira de miriti, utilizado para espremer a massa da mandioca e tirar o tucupi.

**Touceira** - Conjunto de árvores de açáí.

**Tucupi** - Líquido venenoso extraído da raiz da mandioca. Após a retirada do seu veneno através da fervura, é muito utilizado na culinária.

**Tupé** - Tapete usado para secar cacau, camarão e outras coisas, feito de tala de miritizeiro ou jupati.

**Tuíra** - Açáí sem carne, seco.

## V

**Vassoura de açáí** - É o cacho do açáí sem o fruto, depois de ser debulhado.

**Vinagreira** - Vegetal com gosto azedo, usado na culinária paraense.

**Vileta** - Rua do bairro da Pedreira em Belém do Pará.

## APÊNDICE 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E  
MATEMÁTICAS

### **ROTEIRO DA SEGUNDA ENTREVISTA COM A PROFESSORA IONETE DA SILVEIRA GAMA PARA A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO (Belém do Pará, 21 de novembro de 2020)**

Mestranda: Josivana de Castro Rodrigues  
Orientador: Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias  
Participação do prof. Dr. Iran Abreu Mendes

1. No tempo em que estudou no Justo Chermont e no Dr. Freitas, a senhora tinha uma matéria chama Lição de Coisas. Como eram essas aulas de Lição de coisas? Sobre quais assuntos elas tratavam? Como essa matéria foi importante para a sua formação e para o desenvolvimento da sua curiosidade?
2. Em nossa última conversa, a senhora falou sobre uma de suas principais características: a curiosidade. Como essa característica contribuiu nas suas atividades como professora?
3. Fale um pouco como a senhora ministrava suas aulas aos 16 anos na escola do seu tio no rio das Flores.
4. Como a senhora foi aprendendo as coisas sobre os tipos de plantas e os tipos de remédios que podia fazer com elas? Com quem aprendeu essas coisas? Como eram feitas as misturas de plantas para criar os remédios caseiros?
5. Como foi descobrindo sobre o poder do jambu para fazer remédio e ingrediente de alguns pratos típicos do Pará?
6. Como é pesquisar as nossas tradições e incorporar esses assuntos como cozinheira para inventar novos pratos e mostrar os nossos temperos amazônicos? Como experimenta as misturas de ervas, temperos e plantas na cozinha?
7. E o seu vinho tinto de açaí, como a senhora foi percebendo que poderia ser feito para ficar do jeito que ficou?
8. Como foi que aprendeu sobre as lendas da Amazônia? Como elas eram utilizadas nas suas aulas?
9. Fale sobre suas aulas lá no ginásio. Como eram as suas aulas dinâmicas?

10. Como a senhora tratava de assuntos ligados com as ciências nas suas aulas com alunos do primeiro grau? E com os do ginásio?
11. A senhora poderia falar mais sobre seus estudos no projeto Minerva?
12. Fale um pouco mais sobre seu curso Pedagógico na Escola Normal de Abaetetuba.
13. Depois do curso Normal de Abaetetuba, a senhora fez algum outro curso de formação nos cursos polivalentes ou nos estudos adicionais, realizados pelo CTRH para poder dar aulas no ginásio? Como eram esses cursos?
14. Sobre suas aulas de História e Estudos Amazônicos, a senhora relatou que sempre iniciava os conteúdos dessas disciplinas falando de Igarapé-Miri, pois queria que seus alunos começassem a gostar e a conhecer o seu município. Fale um pouco mais sobre essa sua estratégia de método. Como foi feito esse trabalho?
15. A senhora considera que essa é uma das competências que o professor deve ter, ou seja, de fazer o aluno conhecer e dialogar com a sua própria história, observando as particularidades culturais locais do lugar onde vive, e depois ampliar esse diálogo?
16. A professora Ionete usava suas composições musicais e/ou histórias que escutava na sua infância como uma ferramenta didática para ensinar os conteúdos das disciplinas aos seus alunos? Como era feito? Utilizava materiais? Fale um pouco.
17. Fale um pouco sobre como era ministrar aulas de OSPB e Educação Moral e Cívica em um período que se caracterizava pela ausência de democracia, devido ao regime militar.
18. Em nossas conversas, a senhora afirmou que participava de movimentos sindicais e da CUT. Fale um pouco sobre a sua participação nesses movimentos e quais eram as questões relativas à educação que a senhora defendia. Essas participações lhe permitiram outras formas de perceber a educação na região amazônica, um lugar marcado pelas singularidades culturais indígenas e pelas sabedorias de povos antigos que estão nesse lugar há séculos?
19. Conte-nos a história da água de peixe do mercado do Ver-o-Peso. Como foi essa história?
20. Ser professora foi somente “flores”?

## APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezada colaboradora, você está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa que tem como objetivo a produção de uma dissertação de mestrado sobre a trajetória docente de Ionete da Silveira Gama. A referida pesquisa encontra-se em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, com autoria da pesquisadora JOSIVANA DE CASTRO RODRIGUES, sob a orientação do professor Dr. CARLOS ALDEMIR FARIAS DA SILVA, lotado no Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA.

A pesquisa apresenta como título provisório “Travessias, Pontes e Mergulhos: uma história da professora Ionete da Silveira Gama”, e fará uso de entrevistas, como uma técnica de pesquisa bastante utilizada em abordagens qualitativas, que serão gravadas em áudio por meio de um gravador portátil e/ou por outros meios compatíveis, e serão, posteriormente, transcritas, analisadas, editadas e publicadas em plataformas acadêmicas públicas de universidades brasileiras. Todo o material com o conteúdo da entrevista ficará sob a responsabilidade de JOSIVANA DE CASTRO RODRIGUES. Os dados registrados poderão ser utilizados na íntegra, ou em parte, para fins de estudos científicos, caso da dissertação de mestrado, e também em publicações de artigos, livros, capítulos de livros, seminários e outros eventos acadêmicos, permitindo à pesquisadora e ao seu professor orientador a utilização do nome civil da professora objeto dessa pesquisa, que assinará um termo consentindo o uso de seu nome.

Ao assinar o presente documento, a professora participante cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre as informações advindas das entrevistas para a pesquisadora JOSIVANA DE CASTRO RODRIGUES.

A qualquer momento, a professora participante da pesquisa poderá desistir e retirar seu consentimento. A recusa não lhe acarretará qualquer prejuízo, tanto por parte dos pesquisadores, quanto por parte de terceiros, neste caso, resguardado o direito dos pesquisadores de manter os dados coletados na entrevista e transformados em informações, nos materiais já publicados, por eles mesmos, até a data da solicitação de retirada do consentimento. A solicitação de retirada do consentimento deverá ser entregue aos pesquisadores, por escrito e devidamente assinada pela professora participante.

Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos. Obrigado por sua participação.

## TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PATRIMONIAIS DO AUTOR

Eu, \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, pelo presente instrumento, aceito participar como voluntária desta pesquisa de dissertação de mestrado de Josivana de Castro Rodrigues. Declaro que recebi as informações de forma clara e detalhada a respeito do objetivo e da minha participação nesta pesquisa, sem ser coagida a responder eventuais questões.

Autorizo a pesquisadora e o seu professor orientador a utilizarem as informações advindas das entrevistas, no todo ou em parte, editada ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, permitindo aos pesquisadores, se assim preferirem, a utilização de meu nome civil, desde que para fins de estudos científicos, publicações de artigos, livros, capítulos de livros, seminários e outros eventos acadêmicos.

Declaro estar ciente de que as publicações referidas anteriormente serão objeto de divulgação, de veiculação, de distribuição e/ou de venda, no Brasil e/ou no exterior, em mídia impressa e/ou digital/ eletrônica, podendo ser disponibilizadas por meio da rede mundial de computadores (internet). Declaro expressamente que as opiniões emitidas na entrevista são de minha exclusiva responsabilidade e que a sua publicação não viola direitos de terceiros. Autorizo a revisão gramatical e ortográfica do texto, desde que não acarrete alteração do conteúdo e das opiniões ali contidas.

Declaro também que estou informada de que, a qualquer momento, posso esclarecer dúvidas que tiver em relação à entrevista, assim como ter a liberdade de deixar de participar, sem que isso traga qualquer prejuízo para mim. Declaro que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Por ser a expressão da verdade, dato e assino o presente termo de cessão e de autorização.

Belém (PA), \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2020.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da professora participante voluntária – CPF ou RG

\_\_\_\_\_  
Josivana de Castro Rodrigues CPF:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva CPF:

... para realizar  
... a sua vida  
... sobre a imagem e iss  
... condições. Quando aulas difer  
... sala de aula e p  
... vida dos alunos e lo  
... e perguntavam sobre  
... penso que o aluno tem  
... apenas est  
... a sua curiosidade

